



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

ANA CLARA PEREIRA DOS SANTOS

**PRODUÇÃO LITERÁRIA E PROTAGONISMO:
UM ESTUDO DOS CONTOS ANTIRRACISTAS DE 27 MULHERES NEGRAS DOS
CADERNOS NEGROS VOLUME 42**

Miracema do Tocantins, TO

2022

Ana Clara Pereira dos Santos

**Produção literária e protagonismo:
Um estudo dos contos antirracistas de 27 mulheres negras dos
Cadernos negros volume 42**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – *Campus* de Miracema, para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.
Orientador: Prof. Drº. Francisco Gonçalves Filho.

Miracema do Tocantins, TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S237p Santos, Ana Clara Pererira dos.
Produção literária e protagonismo: Um estudo dos contos antirracista de 27 mulheres negras dos Cadernos Negros volume 42 . / Ana Clara Pererira dos Santos. – Miracema, TO, 2022.
69 f.
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2022.
Orientador: Professor Doutor Francisco Gonçalves Filho
1. Mulheres Negras. 2. Potencialidades. 3. Antirracismo. 4. Cadernos Negros. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ANA CLARA PEREIRA DOS SANTOS

PRODUÇÃO LITERÁRIA E PROTAGONISMO: UM ESTUDO DOS CONTOS
ANTIRRACISTAS DE 27 MULHERES NEGRAS DOS
CADERNOS NEGROS VOLUME 42

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – *Campus* de Miracema, para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, sob orientação do Prof. Drº. Francisco Gonçalves Filho.

Data de aprovação: 17/11/2022.

Banca Examinadora:

Profº. Drº. Francisco Gonçalves Filho, Orientador, UFT.

Profª Drª Daniele Vasco Santos, Examinadora, UFT.

Profª. Drª. Luana Ribeiro da Trindade, Examinadora, UFT.

Profº. Dr. Ladislau Ribeiro do Nascimento, Examinador, UFT.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por até aqui ter direcionado meus passos.

A Minha família, em especial minhas tias, meu avô Manoel Messias Barbosa Pereira, minha avó Maria Pereira de Jesus, minha mãe Sandra Pereira dos Santos e meu esposo que de forma indireta contribuiu para que eu concluísse essa graduação, sou imensamente grata à eles por serem minha base, e me incentivarem.

Quero aqui externar minha gratidão ao meu orientador Professor Dr. Francisco Gonçalves Filho, por toda paciência e dedicação ao longo do curso e principalmente nesse ano de 2022, pelos conhecimentos compartilhados e por fazer parte da construção da futura profissional que me tornarei.

Agradeço à banca examinadora pela dedicação à leitura desta produção e suas contribuições externadas no exame do TCC na semana da consciência negra de 2022. Muito agradecida às contribuições da professora Dr^a Daniele Vasco Santos, do Curso de Psicologia; da professora Dr^a. Luana Ribeiro da Trindade do curso de Serviço Social e do Professor Dr. Ladislau Nascimento, atual Coordenador do Curso de Psicologia do Campus da UFT de Miracema. Grata.

E por fim, a todo o corpo Docente e Discente do colegiado e do Curso de Pedagogia do Campus de Miracema, que também contribuíram direta e indiretamente para o meu processo de formação.

Nossos malungos têm artes
que não se aprendem na escola
por isso aprendemos bem cedo
pouquinho depois de nascer
a rir da miséria e do medo
e resistir, sobreviver.

José Carlos Limeira

RESUMO

O estudo tem como objetivo conhecer a biografia e reconhecer o protagonismo das mulheres negras na escrita dos contos antirracistas, por meio de um estudo bibliográfico do Caderno Negro N. 42. Assim, o foco dessa pesquisa voltou-se para a análise das vinte e sete autoras negras que participaram da obra, reconhecendo suas perspectivas em diálogo com as referências teóricas antirracistas e as legislações étnico-raciais do século XXI, as leis 10.639/03; 11.645/2008 e 12.288/10. Relacionamos o protagonismo dessas mulheres com suas trajetórias de vida, ou seja, suas biografias. Concluímos pela afirmação das tendências temáticas nesta produção voltada para as relações afetivas, memórias familiares, abusos e violências policiais e o cotidiano nos quilombos e nas periferias.

Palavras-chave: Mulheres negras. Potencialidades. Antirracismo. Cadernos Negros. Resistência. Racismo.

ABSTRACT

The study aims to know and recognize the role of black women in the writing of anti-racist stories, through a bibliographic study of Caderno Negro N. 42. Thus, the focus of this research turned to the twenty-seven black authors who participated in the work, recognizing their perspectives in dialogue with theoretical references and the ethnic-racial legislation of the 21st century, laws 10.639/03; 11.645/2008 and 12.288/10. In the methodology, we relate the protagonism of these women with their life trajectories, that is, their biographies. We conclude by affirming the thematic trends in this production focused on affective relationships, family memories, police abuse and violence and daily life in quilombos and on the outskirts.

Keywords: Black women. Anti-racism. Cadernos Negros. Resistance. Racism.

LISTA DE SIGLAS

CECAN	Centro de Cultura e Arte Negra
CN42	Cadernos Negros Volume 42
FFLCH-USP	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
FNB	Frente Negra Brasileira
IBILC	Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas
LEEDS	Laboratório de Estudos das Diferenças e Desigualdades
LI	Língua Inglesa
MG	Minas Gerais
MNU	Movimento Negro Unificado
NEABI	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas
NEAF	Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares da África e dos Afro-brasileiros da Universidade Federal Tocantins
NEIA	Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade
NUPE	Núcleo Negro para Pesquisa e Extensão Universitária
PUC	<i>Pontifícia Universidade Católica</i> de São Paulo
RJ	Rio de Janeiro
RN	Rio Grande do Norte
SES	Secretaria de Estado da Saúde pública de São Paulo
SP	São Paulo
TJBA	Tribunal da Justiça da Bahia
UCSAL	Universidade Católica do Salvador
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UERJ	Universidade do Estado Do Rio de Janeiro
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	RACISMO E ANTIRRACISMO NAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS AFRO-BRASILEIRAS.....	13
3	O PROTAGONISMO DAS MULHERES NEGRAS NO CADERNOS NEGROS 42: BIOGRAFIAS	18
4	AS CONTRIBUIÇÕES LITERÁRIAS DAS MULHERES NEGRAS NA PERSPECTIVA ANTIRRACISTA.....	25
4.1	Conto de Aucideia	25
4.2	Conto de Alessandra Sampaio	27
4.3	Conto de Ana Fátima	29
4.4	Conto de Anamaria Alves	31
4.5	Conto de Augusta Nunes dos Santos.....	32
4.6	Conto de Catita	33
4.7	Conto de Walleska	34
4.8	Conto de Elaine Marcelina	36
4.9	Conto de Esmeralda Ribeiro	38
4.10	Conto de Jéssica Nascimento	39
4.11	Conto de Lia Vieira	40
4.12	Conto de Lidiane.....	41
4.13	Conto de Lígia Costa	42
4.14	Conto de Lílian Paula Serra e Deus.....	44
4.15	Conto de Lindevania Martins	45
4.16	Conto de Lorena Barbosa	46
4.17	Conto de Luana Passos	47
4.18	Conto de Luciana Leitão	48
4.19	Conto de Manuella Santos	49
4.20	Conto de Mari Vieira	50
4.21	Conto de Marli de Fátima Aguiar	51
4.22	Conto de Míghian Danae	52
4.23	Conto de Silvana Martins	53
4.24	Conto de Samira Calais	54

4.25	Conto de Silvia Barros	55
4.26	Conto de Val Lorenço.....	57
4.27	Conto de Zainne Lima	58
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
	REFERÊNCIAS	62
	ANEXOS.....	63

1 INTRODUÇÃO

O estudo por meio de uma pesquisa bibliográfica abordou o protagonismo de autoras negras na produção literária, independente, denominada de Cadernos Negros, em especial, no número ou volume 42.

Ana Clara Pereira dos Santos é preta, tem 23 anos, é uma jovem sonhadora, se empenhou dentro da Universidade, no mesmo espaço ela descobriu que em toda a sua trajetória de vida sofreu racismo e não se dava conta de que por mais que fosse por meio de brincadeiras de mau gosto e olhares ela foi violentada. E o seu contato com os contos ficou marcado pela ligação de sua trajetória com as temáticas trabalhadas nos Cadernos Negros volume 42.

Assim ela quer que o mundo saiba que mais uma filha de empregada doméstica preta venceu o sistema, porque a educação é a chave para tudo. E os estudos não vão se limitar apenas na graduação, muitos estudos e conhecimentos estão por vim, o primeiro passo foi dado.

A temática para elaboração desse trabalho de conclusão de curso surgiu por meio de uma atividade proposta na disciplina de Literatura Infanto-Juvenil, onde ocorreu o contato com os contos afro-brasileiros realizados por quilombolas tocaninenses. A partir daí houve a inquietação para fazer um estudo mais aprofundado sobre o tema.

Ao ingressar na disciplina de Educação e Cultura Afro-brasileira, com acompanhamento dos estudos no âmbito do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares da África e dos Afro-brasileiros (NEAF/UFT), lemos e debatemos o livro de Djamilia Ribeiro denominado de Pequeno Manual antirracista e verificamos que ela fazia algumas indicações de autores (as) negros(as), entre eles (as): “Os Cadernos Negros”. Assim, adquiri o livro de contos e me entreguei a esses estudos, identificando-me com as histórias por parecerem tão reais com as questões que estamos vivenciando na atualidade, por isso surgiu o interesse pelo CN 42.

O Cadernos Negros 42 organizado por Márcio Barbosa e Esmeralda Ribeiro, traz em seu contexto o processo de resistência e opressão sofrido pelo negro em decorrência do processo de escravização tendo como referência nossos antepassados que foram sequestrados de forma cruel do continente africano e trazidos para o Brasil.

O volume possui 344 páginas e 41 autores (as) em sua totalidade. Sendo de grande relevância para os estudos em âmbito escolar e universitário, pois de forma dinâmica possui um conteúdo enriquecedor para debates à cerca do racismo e combate do mesmo.

O trabalho tem como objetivo conhecer e reconhecer o protagonismo das mulheres negras na escrita dos contos antirracistas no Cadernos Negros por meio de uma pesquisa bibliográfica, e se subdivide em quatro seções, considerando a Introdução, a primeira delas. Assim, a segunda seção intitulada: *Racismo e antirracismo nas produções literárias afro-brasileiras* vem trabalhar o conceito de racismo estrutural mantido pela branquitude e o antirracismo, na perspectiva de Ribeiro (2019).

Nessa seção trouxemos um diálogo direto com as Leis 10.639/03 e 12.288/10 (o Estatuto da Igualdade Racial). Nos dedicamos também ao conhecimento do grupo Quilombhoje que, em sua origem levaram adiante o projeto dos Cadernos Negros, na década de 1980, com o intuito de manifestar suas realidades sociais por meio de escrita de contos e poemas.

As pautas debatidas eram sobre as discriminações aos jovens negros e negras, não só dentro das Universidades, como também nas ruas e em toda a sociedade. Por fim, ainda na segunda seção destacamos as questões temáticas manifestas no CN42: dentre elas as relações afetivas, as memórias familiares, as violências policiais, o dia a dia nos quilombos, entre outras.

A terceira seção intitulada: *O protagonismo das mulheres negras no Cadernos Negros 42: biografias*, trabalhamos a trajetória formativa das vinte e sete (27) autoras negras que participam no CN42, suas biografias publicizadas, sendo elas: Alcideia Miguel de Souza, Alessandra Sampaio, Ana Fátima, Anamaria Alves, Augusta Nunes dos Santos, Catita, Claudia Walleska, Elaine Marcelina, Esmeralda Ribeiro, Jéssica Nascimento, Lia Vieira, Lidiane Ferreira, Lúgia Santos Costa, Lílian Paula Serra e Deus, Lindevania Martins, Lorena Barbosa, Luana Passos, Luciana Leitão, Manuella Santos, Mari Vieira, Marli de Fátima Aguiar, Míghian Danae, Nana Martins, Samira Calais, Silvia Barros, Val Lourenço e Zainne Lima da Silva.

Assim, no enfrentamento de um mercado editorial que limita a participação étnico-racial, as autoras negras buscam seu protagonismo na literatura afro-brasileira.

A quarta seção intitulada: *As contribuições literárias na perspectiva antirracista dos contos das mulheres negras*, foca o significado dos contos e as perspectivas antirracistas permeadas por suas trajetórias de vida.

O estudo não esgota a obra, mas ao contrário, procura estimular a leitura e interpretação desses contos que encontram alguns pontos de contato com nossa dura realidade de desigualdade, racismo e discriminação, bem como de resistência e de produção de novas formas de luta pela superação desta realidade.

2 RACISMO E ANTIRRACISMO NAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS AFRO-BRASILEIRAS

O racismo é um problema estrutural mantido pela branquitude desde a escravidão até os dias atuais, onde negros e negras tem seus direitos e espaços negados. É uma classificação histórica criada para determinar processos de dominações aos povos negros, acarretando preconceitos e estereótipos. Segundo Carneiro 1995 o racismo é:

Muito mais que apenas discriminação ou preconceito racial, é uma doutrina que afirma haver relação entre características raciais e culturais e que algumas raças são, por natureza, superiores a outras. As principais noções teóricas do racismo moderno deriva das ideias desenvolvidas por Arthur de Gobineau. O racismo deforma o sentido científico do conceito de raça, utilizando-o para caracterizar diferenças religiosas, linguísticas e culturais. (CARNEIRO, 1995, p.7).

Existem várias formas de racismo, que podem ocorrer por meio de crimes de ódio, discriminação racial direta, entre outros. O racismo institucional acontece por meio de instituições e está enraizado nas sociedades dominantes, onde espaços concebidos como de privilégios são preenchidos por brancos. O racismo como um todo está imerso em nossos comportamentos e ações nestes e outros espaços, por meio de piadas e comentários preconceituosos, entre outros.

Em meio a tantas formas de exclusão do negro no Brasil como consequência da escravização, após elaboração da nova Constituição Federal em 1988, com o diálogo crítico do movimento negro foram criadas várias iniciativas legais nas quais destacamos aqui as Leis 10.639/2003; a Lei 11.645/2008 e a Lei 12.288 de julho de 2010.

A Lei do Estatuto da Igualdade Racial (12.288/2010) tem por objetivo ofertar uma melhoria de vida à população negra, e também combater o racismo e discriminação. A Lei 12.288/2010 em seu artigo 1º destaca:

Art.1º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica (BRASIL, 2010, p. 13)

Segundo Djamilia Ribeiro (2019), o antirracismo é o ato de saber se posicionar diante a uma ação de racismo, é não se calar, pois se calando diante do racismo faz

com que haja a manutenção do mesmo e reconhecer que somos racistas é o primeiro passo para combatê-lo.

Como diz ainda Almeida, apud Ribeiro (2019),

Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas. (RIBEIRO, 2019, p.13)

Assim, ser antirracista é o resultado de uma postura que tomamos à cerca do racismo estrutural criado pela sociedade, se posicionando diante do mesmo diariamente, dessa forma, o termo antirracista é sobre o que fazemos ativamente para combater o racismo, onde o mesmo é um problema de todos e cabe a nós desenvolvermos um papel ativo para detê-lo.

O Cadernos Negros, se inscreve nessa perspectiva antirracista, é uma série literária independente, no qual é composto por contos e poemas afro-brasileiros.

Criado em 1970, no contexto da ditadura militar por estudantes em protestos que buscavam por liberdade democrática, o Cadernos Negros tinha por objetivo, conscientizar e promover a liberdade de expressão por meio dos contos e poemas de escritores e escritoras negras, dando destaque para a literatura afro-brasileira.

Dessa forma os Cadernos Negros tinham e tem foco no combate ao racismo no Brasil gerando um ato de resistência social e política por meio da literatura. E também, coloca em prática o fortalecimento das heranças culturais e políticas antirracistas produzidas ou voltadas aos negros.

Na origem dos CN, nas décadas de 1970 e 1980, uma pequena parcela de pessoas negras passavam a ingressar em universidades brasileiras e junto a esses estudantes ingressava no curso de Letras na USP, Cuti, um dos autores e fundadores do Cadernos Negros. Luiz Silva (Cuti) possui graduação em Letras pela USP, Mestre e Doutor em Letras pela UNICAMP. Cuti dedica seu trabalho ao processo de exclusão vivenciado pelos negros no Brasil, bem como às heranças culturais expressas por meio das escritas em forma de contos e poemas, onde em sua totalidade possui vinte e três livros publicados.

Cuti passou a perceber a falta da cultura afro no curso de Letras, em especial na literatura. Diante dessa questão, entre outras, em 1978, Cuti lança o primeiro Caderno, com o título: “Ser negro no Brasil”.

Assim, Cuti se junta aos seus colegas em 1980 e cria um grupo chamado Quilombhoje. O grupo se expressava sobre a exclusão da cultura do negro e combatia esse processo de exclusão por meio de debates, produção e circulação desse conhecimento na comunidade afro-brasileira.

Dessa forma, a literatura antirracista existente nos Cadernos Negros, elaborada de maneira dinâmica e fictícia busca externar as variadas formas de racismo estrutural e escravidão sofrida pelos negros em nosso país. Por meio do movimento de resistência desse tipo de literatura e outros movimentos foi possível que a cultura afro-brasileira avançasse na proposição do ensino sobre África e sobre a história e cultura afro-brasileira nos âmbitos escolares. A Lei 10.639/2003 afirma essa iniciativa posteriormente, pois “Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências” (BRASIL, 2003).

Inicialmente, o grupo Quilombhoje era composto apenas por cinco homens negros escritores: Abelardo Rodrigues, Cuti, Mário Jorge Lescano, Paulo Colina e Oswaldo de Camargo. No qual se reuniam no CECAN - Centro de Cultura e Arte Negra¹. Todavia, a partir do volume 5 foi possível notar a chegada de quatro autoras negras, sendo elas: Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, Sônia Fátima e Vera Lúcia.

Portanto, a abordagem dos Cadernos Negros 42, nos possibilita conhecer o debate e a produção literária com foco em questões raciais, sobretudo, no antirracismo. A forma e o conteúdo dessa produção pode nos permitir ainda, o interesse acerca da experiência da autoria negra, na literatura afro-brasileira.

É importante também, que os autores (as) negros (as) ganhem visibilidade não só no Brasil como também no mundo e ao mesmo tempo passem a ser inseridos neste movimento da cultura, desconstruindo ideias e construindo novas perspectivas antirracistas.

O Cadernos Negros, em sua edição dos melhores contos relata:

¹ Moura apud Silva afirma que o CECAM é “uma entidade que nasceu voltada para a África, como uma nova pátria, na base da diáspora negra e como a que congregou em seu corpo social não apenas intelectuais, mas muitos negros de baixa renda” (1982, p. 71).

Fica evidente, portanto, o primeiro mérito dos Cadernos Negros e do grupo Quilombohoje. Publicando autores negros e incentivando outros jovens das comunidades negras a seguir seu exemplo, garantem espaço e audiência para que suas vozes sejam ouvidas e sua criatividade literária, liberada. Praticam uma forma valorosa de resistência, não deixando que jovens negros embruteçam como consumidores passivos de subprodutos da indústria cultural de massa, como os programas sensacionalistas sobre tragédias pessoais ou familiares, os filmes pornográficos e de lutas marciais, a música vazia e repetitiva. (RIBEIRO, 1998, p. 14).

É relevante ressaltar que o Cadernos Negros, volume 42, organizado por Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa foi um dos finalistas do Prêmio Jabuti, em 2020, uma notícia extremamente impactante devido o momento da visibilidade proporcionada pelo prêmio, pois o Cadernos Negros combate o racismo dando destaque para autores e produções literárias afro-brasileiras, tanto em forma de poesia quanto em forma de conto.

Segundo os autores dos CN o conto é um gênero textual narrativo curto, onde o mesmo tem por objetivo desenvolver uma história breve de ficção científica. O gênero possui em sua estrutura narrador, tempo e espaço, assim se dividindo em começo, meio e fim. E o que difere o conto da crônica é que a crônica surge a partir de alusões da vida cotidiana, já o conto surge a partir da criatividade e imaginação do autor.

Identificamos ainda, que nos Cadernos Negros Nº 42 há 27 autoras negras, protagonistas desta literatura, sendo elas: Alcideia Miguel de Souza, Alessandra Sampaio, Ana Fátima, Anamaria Alves, Augusta Nunes dos Santos, Catita, Claudia Walleska, Elaine Marcelina, Esmeralda Ribeiro, Jéssica Nascimento, Lia Vieira, Lidiane Ferreira, Lígia Santos Costa, Lílian Paula Serra e Deus, Lindevania Martins, Lorena Barbosa, Luana Passos, Luciana Leitão, Manuella Santos, Mari Vieira, Marli de Fátima Aguiar, Míghian Danae, Nana Martins, Samira Calais, Silvia Barros, Val Lourenço e Zainne Lima da Silva.

A seguir, na seção 2, pesquisamos um pouco do protagonismo dessas mulheres expresso em suas vidas engajadas, biografias. No caso dos contos deste Cadernos Negros 42 podemos verificar em seus títulos, por exemplo, algumas de suas tendências voltadas para as relações afetivas, memórias familiares, abusos e violências policiais, o cotidiano nos quilombos e nas periferias, entre outros.

Sobre relações afetivas verificamos as seguintes autoras e títulos: Catita, em seu conto de tema “Desenquadradas”; o conto “Meu encontro com Jhon Coltrante” de

Lia Vieira; “Turquesa” o conto de Luciana Leitão; Manuella Santos em “Contos das Areias e Poemas”; e a autora Míghian Danae em seu conto “Homens negros homens”.

Sobre a violência doméstica temos o conto de Ana Fátima em “Sonhos de Fel”.

Sobre memórias familiares o conto de Aucideia que tem como título “Mana Black”; o conto escrito por Anamaria Alves em “Causo da Cobra”; de Jéssica Nascimento em “Tio Preto”; o conto de Lidiane “O espelho”; o de Lorena Barbosa “A Preta da Terra”; e “Espinha de peixe” de Mari Vieira.

Sobre o tema do abuso/violência policial o conto produzido por Augusta Nunes dos Santos de título “Thiaguinho”; o conto de Luana Passos “O farol”; e de Silvana Martins com o conto “Fim do mundo”.

Quanto ao tema do dia a dia, isto é: do cotidiano nos quilombos e nas periferias tem o conto de Lílian “Necropolítica”; o conto “Afeto” de Marli Vieira, o conto de Silvia Barros “Damiana”; o de Val Lourenço em seu conto “Sementes”; e o conto de Alessandra Sampaio denominado “Praça Libitina”.

Há ainda contos voltados para a denúncia do racismo estrutural, o conto de Cláudia Walleska com o tema “O nome dela é Dandara”; o de Elaine em seu conto “Anima tem um sonho”; o de Esmeralda Ribeiro em “Qual é o seu nome?”; O conto “Menina do laço amarelo” de Lígia Santos Costa; “Em segurança” de Lindevania Martins; o conto de Samira Calais “Não vai achando que é só alegria” e o conto “Negra Trama” de Zainne Lima.

O racismo presente em nossa sociedade e denunciado nestes contos são marcas de uma escravização, onde os negros (africanos/afro-brasileiros) e indígenas foram os maiores prejudicados, marginalizados e excluídos socialmente. Assim o foco dessas produções literárias é desconstruir o racismo, manifestar e resistir à opressão, por meio da literatura, isto é, da produção de contos.

A seguir, em nossa terceira seção trabalhamos o protagonismo das escritoras negras com ênfase em suas biografias, suas trajetórias de vida.

3 O PROTAGONISMO DAS MULHERES NEGRAS NO CADERNOS NEGROS 42: BIOGRAFIAS

As mulheres negras buscam seus lugares de fala na literatura brasileira, no caso, nas escritas de seus contos.

Ribeiro (2020), em seu livro, Lugar de fala afirma:

Em "Intelectuais negras", bell hooks fala sobre o quanto as mulheres negras foram construídas ligadas ao corpo e não ao pensar, em um contexto racista. A pensadora afirma que a combinação entre racismo e sexismo implica sermos vistas como intrusas por pessoas de mentalidade estreita. Além disso, a própria conceituação ocidental branca do que seria uma intelectual faz com que esse caminho se torne mais difícil para mulheres negras. (RIBEIRO, 2020, p. 27)

A reflexão de Bell hooks nos faz repensar o quanto a mulher negra busca um papel que não seja de submissão ao homem, e sim, um papel de autonomia, e para tal, tem que se esforçar duas vezes a mais, para consegui-lo. Pois sabemos o quanto nossa sociedade é marcada pelo machismo e racismo estrutural. Essas autoras, então, buscam trazer essas questões em seus contos, ao mesmo tempo visam desconstruir identidades coloniais e construir suas próprias identidades.

Ribeiro (2018) em seu livro "Quem tem medo do feminismo negro" destaca:

O empoderamento não pode ser autocentrado, partir de uma visão liberal, ou somente transferência de poder. Vai além. Significa ter consciência dos problemas que nos afligem e criar mecanismos para combatê-los. Quando uma mulher se empodera, tem condições de empoderar outras (RIBEIRO, 2018, p. 136).

O protagonismo das mulheres negras do Cadernos Negros 42 é fruto da história de luta e resistência de cada uma delas, podendo ser verificado em suas trajetórias de vida, que compõe parte da biografia delas. Essa literatura afro-brasileira nos permite o contato com nossa ancestralidade e sua cultura. Onde não só garante a inserção de outros jovens negros por meio desses contos, como também é uma forma de quebrar preconceitos que vem constituindo nossa sociedade de forma secular. Vejamos.

Alcideia Miguel de Souza é formada em artes e música, é especialista em artes, educação e cultura. É professora da educação infantil, ensino médio, e também professora de música. Alcideia também ocupa a cadeira 25 na Academia de Letras da

Grande São Paulo. A autora tem quatorze livros publicados de sua autoria nos gêneros: poesia, contos e crônicas.

Alessandra Sampaio é graduada em Letras e Inglês pela UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana, possui pós-graduação em Estudos Literários. Atua como professora de Literatura Infanto-Juvenil e Língua Portuguesa. Faz parte também do grupo Quartinhas de Aruá, como coordenadora.

Ana Fátima de acordo com o CN42 é educadora, pesquisadora, contista, poeta, professora, maquiadora e consultora de beleza. Possui Licenciatura em Letras Vernáculas, especializada em Docência do Ensino Superior e Mestra em Crítica Cultural. Possui participação também nos volumes 37 a 40 dos Cadernos Negros e produziu várias outras obras.

Anamaria Alves Dias dos Santos é quilombola, preta, filha e neta dos pretos do Quilombo Chacrinha dos Pretos – MG. Em seu conto ela manifesta sua cultura e as lembranças da época em que era criança e residia no quilombo. É pesquisadora do NEIA, professora de Alemão e Inglês. Tem poemas e contos publicados em Portugal e Alemanha.

Augusta Nunes dos Santos é do sertão da Bahia, mãe e filha.

Catita é professora, negra, pesquisadora e escritora. É também idealizadora do evento virtual "À Mesa Negra" e fundadora do grupo de autoras negras Flores de Baobá. Sua produção nos Cadernos Negros volume 42, tem como tema "Desenquadradas".

A autora possui um blog², onde tem como inspiração Conceição Evaristo, e segundo Catita, sobre si mesma em seu blog - Letras Catita:

Uma eus

Catita, a escrevinhadora,
Cátia Luciana, a professora,
Cátia Luciana Pereira.

A última nasceu primeiro,
no último dia de 1973,
uma irônica última segunda-feira.
As duas primeiras nasceram aos 12 anos.
A professora, diplomada pela academia em 1992;
ainda expecta reconhecimento.
A escrevinhadora, deliberada pela de 1973 só em 2000,
publica - ato político - só em 2015.

No batente da faxina à palestra,
No metrô-lotação-sala de aula,

² www.letrascatitas.blogspot.com

Nas palavras lidas, reviradas, escrivinhadas.
 A preta Cátia Luciana Pereira alimenta um único desejo:
 Chamem cada um pelo que sou.
 Catita, 27 de junho de 2020.

(Contista Catita, 2020)

Claudia Walleska de acordo com o CN42 “é escritora, poetisa, compositora e militante negra”. Atua com enfermeira na saúde pública pela Secretaria de Estado da Saúde pública de São Paulo (SES), Possui pós graduação em Vigilância Sanitária pela Faculdade Oswaldo Cruz (2009), e é especialista em Ecologia Humana. Natural do estado de São Paulo.

Elaine Marcelina é escritora, possui graduação em História, mestre em História e roteirista. É do Rio de Janeiro. Tem autoria em seis livros publicados. É ministrante na oficina de escrita criativa "Meu Primeiro Livro", onde com base no livro ela tem o objetivo de incentivar a escrita de crianças, jovens e adultos. É membro do grupo de pesquisa Leddes/Áfricas - UERJ e militante do MNU - Movimento Negro Unificado, monitora o blog mulheres incríveis³ e segundo o mesmo:

Sou uma mulher revolucionária, tenho espírito libertário, penso de forma a atingir uma sociedade justa e igualitária. Meu pensamento vai além de mim, por isso ousou a escrever em um país onde se diz, que não tem leitores, porém sou mais uma destas pessoas que se encontram fora dos padrões criados para esta sociedade, ou melhor, fora do que a elite deste país pensa que é a sociedade brasileira, entretanto tenho total entendimento e percepção de que sou parte do processo de construção desta sociedade, contradizendo tais teorias infundadas e busco em minhas pesquisas encontrar mais companheiras que como eu, lutam, crescem e vencem as barreiras que nos foram impostas e desta forma podemos mostrar o caminho para as outras, os outros, enfim, somos o que queremos ser e a partir de agora seguiremos unidas em prol de uma luta dialética e não mais factual como em outrora. Seguiremos rumo a uma história cheia de sabores, ou melhor, várias histórias. (Contista Elaine Marcelina)⁴

Portanto de acordo com o seu blog, Elaine por meio de suas escritas busca empoderar mulheres negras, para que resistam e rompam com os obstáculos impostos à esses grupos, que sofrem e precisam se esforçar duas vezes mais para se destacarem, pois na sociedade em que vivemos o racismo e machismo ainda são problemas estruturais.

Esmeralda Ribeiro é escritora, jornalista e pesquisadora de Literatura Afro-Brasileira, faz parte do grupo desde 1982. Possui trabalhos publicados no Brasil e

³ www.mulheresincriveis.blogspot.com

⁴ <http://mulheresincriveis.blogspot.com/p/sobre-mim.html>

exterior, teve colaboração nos volumes: CN10 - (1987), CN12 - (1989), CN14 - (1991), CN16 - (1993), CN18 - (1995), CN29 - (1997), CN22- (1999), CN24 - (2001), CN28 - (2005), CN30 - (2007).

Sobre Esmeralda Ribeiro, Figueiredo (2009) afirma em sua dissertação de mestrado, que:

Seu engajamento ultrapassa o movimento negro e feminista e se identifica com a visibilidade da cultura afro. Quando fala da vida “gestando surpresas”, ela coloca o papel do ser feminino como fundamental na transformação da sociedade. A escritora está presente em diversas antologias de prosa e de poesias negras, tanto no Brasil quanto no exterior. É a escritora com a maior participação em Cadernos Negros. (FIGUEIREDO, 2009, p. 29)

Esmeralda possui um papel importante e de destaque dentro da literatura, onde ela incentiva mulheres a se engajarem na literatura afro. Lançou seus contos “Malungos e Milongas”, é também a criadora do Xirê de Palavra e Poesia Afro. Sua obra no livro CN42 aborda questões decorrentes do dia a dia da maioria de negros que trabalham diretamente com o público.

Jessica Nascimento possui mestrado em História na PUC de São Paulo, onde, de acordo com a obra também faz estudos dirigidos “às afrografias do teatro negro”, e tem bacharelado em Comunicação das Artes do Corpo.

Lia Vieira possui especialização em relações étnico-raciais. A contista de acordo com o livro trabalha em causas como a: “mobilização e articulação de mulheres, adolescentes e meninas negras em torno de temas e ações que propiciem o combate ao racismo e o sexismo”, e tem como autoria duas obras.⁵

Lia fez publicações de Eu, mulher - mural de poesia (1990). Participou, ainda, das seguintes antologias: Reflexos - coletânea de novos escritores (1990). Mural Ane nº 2 (1990); Vozes mulheres – mural de poesias (1991); Cadernos Negros 14, 15 e 16 (poemas e contos); Mulher negra faz poesia (1994).

Lidiane Ferreira é professora. Graduiu-se em Letras Vernáculas e é pós-graduada em Educação em Gênero e Direitos Humanos (UFBA). É membro do Enegrescência, projeto esse que busca divulgar as literaturas afro-brasileiras e africanas.

⁵ Só as Mulheres Sangram (Ed. Nandyala, 2011) e do infanto-juvenil Chica da Silva - a Mulher que Inventou o Mar (OR, 2001; Ed. Nandyala, 2019), além de ter participado de diversas antologias, dentre elas os Cadernos Negros.

Lígia Santos Costa atua como professora de literatura no ensino médio, é psicóloga Gestalt-terapeuta e psicopedagoga, é discente de mestrado na Universidade do Estado da Bahia, onde também executa pesquisas referente a leitura voltada às escritas de autoras negras.

Lílian Paula Serra e Deus possui doutorado em Literatura, faz parte do corpo docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, de acordo com o livro: “É autora do livro de poemas *A Palavra em Preto e Branco*, publicação independente, cujos poemas abordam, sobretudo, as muitas facetas do feminino, ancestralidade e identidade negra.” (RIBEIRO, 2019, p.327)

Lindevania Martins é do Maranhão. É graduada em Direito, mestre em Cultura e Sociedade, exerceu durante anos o cargo de delegada de polícia, é defensora pública, poeta, e contista. De acordo com o livro: “Começou a escrever cedo, mas sempre teve dúvidas sobre o significado dessa escrita literária na sua vida,” (RIBEIRO, 2019, p.328)

Lorena Barbosa é professora de Literatura e Língua Portuguesa, é acadêmica de pós graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora da literatura afro-brasileira no portal Literafro. Faz parte do grupo do NEIA - Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade, onde a mesma tem pesquisas voltadas à escrita de mulheres negras. E, segundo a obra: “É educadora popular e coordenadora do Pré-Enem Angola Janga, projeto belorizontino vinculado ao Bloco Angola Janga, que tem por objetivo a preparação de jovens negros e periféricos para o ensino superior.” (RIBEIRO, 2019, P.329)

Luana Passos possui graduação em Pedagogia e atua na Secretaria Municipal de Educação de São José do Rio Preto, SP, tem título de mestrado em Estudos Linguísticos pela Unesp/ Ibilce/SJRP. Segundo o CN42: “Vice-coordenadora e pesquisadora do Núcleo Negro de Pesquisa e Extensão da Unesp/Ibilce - Nupe e integrante do grupo de pesquisa Gênero e Raça da mesma instituição.” (RIBEIRO, 2019, p.330)

Luciana Leitão possui graduação em Fisioterapia pela Ucsal, e segundo o livro: “É bacharelada em Artes, com ênfase em Cinema pela UFBA. Oficial de Justiça do TJBA. Participou da coletânea: *Negras Crônicas*, publicada pela Editora Villardo (2019).” (RIBEIRO, 2019, p. 331)

Manuella Santos tem formação em Ciências Contábeis, é acadêmica do curso de Letras. Conforme o livro: “é formada em Contação de Histórias Negras Infanto-

juvenis. Tem autoria em um conto publicado chamado "Sonho de um Sonho" e tem um prêmio, a título de menção honrosa, com seu conto infantil "A Lenda dos Girassóis." (RIBEIRO, 2019, p.333)

Mari Vieira mora em São Paulo. Publicou pela primeira vez em 2017, no volume 40 da série Cadernos Negros. Tem publicação também em Antologia Comemorativa do Dia Internacional da Mulher. De acordo com a obra: "É escritora, poeta, professora e realizadora de sonhos. É cofundadora do grupo de autoras negras: Flores de Baobá." (RIBEIRO, 2019, 334)

Marli de Fátima Aguiar é escritora e militante feminista, possui formação em Letras pela Unifesp/Guarulhos, trabalha com reciclagem para que haja reconhecimento e valorização da categoria, da vida e do meio ambiente. Faz participação em eventos de coletivos de mulheres negras.

Míghian Danae é professora universitária e foi ao longo de muitos anos professora de educação infantil, tem publicação de sua autoria como: Exu, um livro infantil, pela Arole Cultural. Míghian também possui um blog⁶, onde faz publicações de seus textos.

Silvana Martins (Nana) possui mestrado em Literatura e atua na Universidade Federal de Santa Catarina. Formou-se pela Universidade Estadual de Londrina, em Letras. Nana é escritora, possui poemas e contos publicados nos CN35, CN36, CN38, CN39 e CN40. Segundo a obra: "Oferta cursos e oficinas sobre literatura afro-brasileira e escrita literária. Realiza o sarau Vozes Negras, é professora da rede estadual de ensino do Estado de Santa Catarina e, também, pintora." (RIBEIRO, 2019, p.337)

Samira Calais mora em São Paulo, é jornalista e escritora. Publicou poemas no volume CN41, ela também escreve um site eletrônico.

Silvia Barros da Silva Freire é de Natal, RN, atualmente mora em Niterói, RJ, atua como professora e pesquisadora na área de literatura e também coordenadora do Neabi do Colégio Pedro II (2019/2021).

Val Lourenço atua como professora, é poetisa, natural da Baixada Fluminense, e na atualidade, segundo o CN42 é retirante no Ceará e "É apaixonada pelo encantamento cotidiano das narrativas e pelo som das (novas) palavras que nomeiam o mundo." (RIBEIRO, 2019, p. 341)

⁶ www.afrodito-me.blogspot.com

Zainne Lima da Silva atua como prosadora, poeta e bonequeira, possui bacharelado em Letras pela FFLCH-USP. A autora escreve o último conto do Cadernos Negros 42: “Negra Trama”.

Como vemos as trajetórias da maioria delas, isto é, suas biografias conferem um conteúdo, um engajamento político e social no combate ao racismo (um antirracismo) de destaque às autoras negras que compõem essa produção literária, onde por meio dessas biografias foi possível observar que grande parte dessas autoras tiveram acesso às Universidades, possuindo graduação, mestrado e até mesmo doutorado. Em nossa próxima seção daremos ênfase às produções literárias, destacaremos os contos e seus significados em uma perspectiva antirracista.

4 AS CONTRIBUIÇÕES LITERÁRIAS DAS MULHERES NEGRAS NA PERSPECTIVA ANTIRRACISTA

O volume 42 dos Cadernos Negros (CN42), trouxe contos de escritoras e escritores, negras e negros de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, Santa Catarina, Maranhão e Ceará, apontando sua busca por uma representação literária nacional, afro-brasileira.

São histórias que permitem olhares diversos sobre assuntos como relações afetivas, memórias familiares como de mães e avós, violência policial, o dia a dia nos quilombos, e muitos outros assuntos observados também, a partir das trajetórias dessas mulheres negras: Alcideia Miguel de Souza, Alessandra Sampaio, Ana Fátima, Anamaria Alves, Augusta Nunes dos Santos, Catita, Claudia Walleska, Elaine Marcelina, Esmeralda Ribeiro, Jéssica Nascimento, Lia Vieira, Lidiane Ferreira, Lígia Santos Costa, Lílian Paula Serra e Deus, Lindevania Martins, Lorena Barbosa, Luana Passos, Luciana Leitão, Manuella Santos, Mari Vieira, Marli de Fátima Aguiar, Míghian Danae, Nana Martins, Samira Calais, Silvia Barros, Val Lourenço e Zainne Lima da Silva.

Como já destacamos anteriormente, o Cadernos Negros 42 (CN42) foi organizado por Márcio Barbosa e Esmeralda Ribeiro, que segundo os próprios organizadores foi desenvolvido de forma colaborativa, proporcionando a oportunidade de se conhecer uma parte importante da literatura afro-brasileira. Destaca-se ainda que este volume especificamente, tem 344 páginas, com a participação de 41 autores (as) escritores (as) de 45 contos; em sua totalidade. Destes 41 autores (as) vamos nos dedicar a 27 mulheres negras, em perspectiva de escrita antirracista.

Desta forma, a seguir, destacamos alguns conteúdos e significados por nós interpretados, na perspectiva antirracista, isto é, de combate concreto ao racismo e afirmação da mulher negra e da cultura afro-brasileira.

4.1 Conto de Aucideia

O conto de Aucideia, por exemplo, no CN42, tem como título “Mana Black”, e vem falar da história de superação de Ada, filha de um professor chamado Abasi, onde todos os membros da mesma família eram negros e residiam em São Paulo, nos

quartos do fundo de uma escola em que seu pai lecionava cursos profissionalizantes de cabelereiro.

A busca pelos cursos era grande, mas quando os acadêmicos viam que a família era negra, desistiam do curso, causando tristeza à família que já sofria as marcas da escravidão negra no Brasil. Por mais que a abolição da escravatura tenha ocorrido (1888), portanto, a mais de cento e trinta anos, o conto nos chama a atenção para as implicações ou questões do racismo constante no cotidiano das famílias negras.

Ribeiro (2019) destaca que: “No Brasil há a ideia de que a escravidão aqui foi mais branda do que em outros lugares, o que nos impede de entender como o sistema escravocrata ainda impacta a forma como a sociedade se organiza”. (RIBEIRO, 2019. p. 11 e 12)

Dessa forma é válido ressaltar que de forma indireta, Alcidéia reflete sua realidade e seu engajamento social por meio deste conto, onde ela valoriza e destaca em suas obras, o processo de superação da mulher. E neste conto dá ênfase à rejeição sofrida por Ada, que mesmo depois de ter passado por todos esses atos de preconceito, se forma aos seus 57 anos e consegue um emprego em uma clínica, logo no seu primeiro dia de trabalho, entretanto, suas colegas a “confundiram” com uma empregada doméstica, entregando à mesma, uma vassoura. Alcidéia deixa bem claro em seu conto que:

Mas, por uma falha de comunicação por parte da recepcionista, não anunciava como psicóloga e sim dizia: esta aqui é a Ada, nossa nova colega de trabalho, a partir de hoje trabalhará conosco! Todos respondiam: Seja bem-vinda, Ada! E assim passaram por todas as repartições, até que chegaram à cozinha, onde estavam a copeira Cida e a faxineira Neide. A funcionária apresentou Ada, que veio sorridente, vestida com o jaleco branco. Dona Cida disse à recepcionista: Pode deixá-la aqui que servirei um café quentinho, pois acabei de fazer. A recepcionista a deixou com as colegas e saiu, mas a faxineira, dona Neide, a olhou com discriminação e julgamento, classificando-a, e disse: Fique à vontade, colega! Pega aqui... E entregou uma vassoura para Ada. Disse ainda: Pode começar seu trabalho. (Contista Alcidéia Miguel, p. 34-35).

Diante deste fato, a autora dedicou-se a manifestar em seu conto, a rejeição em que Ada e sua família sofreu, em contextos e épocas diferentes mas que não deixaram de ser atos racistas e que estão enraizados no cotidiano de muitas negras (os), no Brasil.

Para Ada o tempo, as oportunidades e as políticas voltadas aos negros daquela época tinham mudado, mas na cabeça de suas colegas, as práticas racistas, ainda eram as mesmas. E quanto a esse tipo de racismo institucional sofrido por ela, a Lei 12.288/2010 em seu Art. 38, inciso III, destaca:

Art. 38. A implementação de políticas voltadas para inclusão da população negra no mercado de trabalho será de responsabilidade do poder público, observando-se: “III- os compromissos assumidos pelo Brasil ao ratificar a Convenção nº 111, de 1958, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que trata da discriminação no emprego e na profissão.” (BRASIL, 2010, p. 27).

Assim Alcidéia nos revela que Ada apesar de triste e assustada, tinha a plena convicção que tinha tal lei que a amparava e que o negro tinha assumido um novo papel na sociedade. E o posicionamento antirracista por parte de Ada, que após tamanha humilhação sofrida por suas colegas de trabalho, não se calou e afirmou não ter problema em ser faxineira, mas que estava ali como psicóloga da instituição.

E Ada deu a volta por cima, mais uma vez, seguindo sua vida.

A próxima contista é Alessandra Sampaio e sua produção literária no CN42 tem como título “Praça Libitina”.

4.2 Conto de Alessandra Sampaio

Alessandra Sampaio vem retratar o cotidiano da população Mucambinho, um bairro periférico. E Dona Vera, uma senhora denominada vovó do bairro, pelas crianças.

Segundo o conto, esse bairro era carente de diversão, o prefeito então anunciou a construção de praças nas periferias da Cidade, onde a população ficou muito contente com os projetos anunciados, pois em sua imaginação, as obras destinadas às periferias seriam de acordo primeiramente, com os bairros no centro da cidade. A contista deixa claro em seu conto que:

Os telespectadores, inocentemente, sorriam, criando grandes expectativas, afinal, acompanharam pelos noticiários locais a inauguração de uma praça num dos bairros nobres da cidade. Praça linda! Construída com material de alta qualidade: porcelanato, granitos, esculturas e grades de bronze, pedras portuguesas etc. A partir de então, tornou-se comum ouvir-se falar nas periferias: “Finalmente, apareceu um prefeito que pensa na gente, no povo do gueto!” (Contista Alessandra Sampaio, p. 37)

Após um ano, deu-se início às obras na rótula principal do bairro de Palmeiras, alguns moradores ficaram satisfeitos com o local escolhido, mas alguns não, pois contendo tantos terrenos escolheram um dos pontos mais movimentados para a construção da praça.

No dia da inauguração, todos se preparavam para o evento, mas Dona Vera, que tinha o hábito nas tardes de domingo de ler contos africanos junto às crianças, não se mostrou contente, carregando com ela um mau pressentimento.

A praça encheu de repórteres, vendedores ambulantes, crianças, jovens, adultos e idosos, o prefeito chegou no local um pouco mais tarde. No decorrer da comemoração de inauguração da praça ocorreu um grande silêncio e um círculo em volta do corpo de uma pequena menina, negra, de apenas dez anos que foi atropelada por um carro em alta velocidade.

O prefeito, em uma entrevista afirmava que foi uma grande tragédia, e de acordo com o conto, imaginava, em seus pensamentos, que as praças localizadas em vias movimentadas, nas periferias, cumpriam seus papéis.

Alessandra neste conto, nos chama atenção, para as questões corriqueiras das periferias brasileiras, de desigualdade e marginalização sofrida pela população negra. Mas corriqueira é também as relações de oportunismo político com essa realidade.

Segundo Moura (1992),

Se na inconfidência Baiana os negros estavam no centro do processo de ação política e os intelectuais brancos fogem à medida que ela se radicaliza, em outros movimentos de mudança social o negro estará presente como força auxiliar, muitas vezes usado como massa de manobra das camadas sociais privilegiadas. (MOURA, 1992, p. 46)

Ou seja, havia razão na insatisfação por parte de Dona Vera, no qual tinha conhecimento do quão perigoso a construção da praça seria naquele local e que por trás de todo aquele discurso demagógico, o prefeito queria apenas se promover por meio da população carente de Mucambinho.

A autora deixa claro que,

Chegou sábado. O coração de Dona Vera amanheceu triste. O seu rosto não refletia a serenidade que adquirira nos longos anos de sua existência. Lia-se apenas a preocupação com as crianças, todas elas que a haviam escolhido como a vovó do bairro pelo carinho dedicado e histórias contadas do último domingo de cada mês, momento em que D. Vera distraía-se lendo contos africanos para as crianças na varanda de sua casa. Algo lhe dizia que no domingo seguinte no dia da inauguração não haveria contação. (CONTISTA ALESSANDRA SAMPAIO, 2020, p.39-40)

O conto de Alessandra reflete as questões sociais dos negros periféricos e o apreço pela literatura africana, no qual Dona Vera, todas as tardes fazia a contação de contos africanos para as crianças dos bairros⁷.

Veremos agora o conto de Ana Fátima que vem abordar questões de violência doméstica sofrida por uma jovem negra, filha de empregados em uma fazenda no Mato Grosso, com o tema “Sonhos de Fel”.

4.3 Conto de Ana Fátima

Em seu conto ‘Sonhos de fel’ o contexto histórico se passa em 25 de agosto do ano de 1917. O casamento de uma jovem negra, que foi arranjado, pois, naquele contexto, os casamentos arranjados eram comuns e seu pai muito orgulhoso e feliz entregou sua mão para Gerônimo, um carpinteiro branco da cidade.

Mas com o passar dos tempos, todo aquele sonho de conto de fadas passou a tornar-se pesadelo, a jovem negra passou a se retrair e ter medo do esposo Gerônimo, pois seus comportamentos passaram a ser agressivos.

Em uma certa noite ele chega embriagado e tenta matar a jovem pressionando-a sobre sua prateleira de livros, com suas mãos amarradas. Ele gritava bem alto que iria lhe matar, pois, segundo ele, sabia e via “os pensamentos pecaminosos” dela, quando a mesma estava fazendo a leitura de seus livros. Ana Fátima deixa claro que:

Quase sufocada, com a face esfregada contra os livros, irritantemente ouvia-o repetir aos berros: - Vou te matar, vagabunda! Pensa que não sei dos seus pensamentos pecaminosos com esses livros que você costuma ler!? O que tem nessas folhas de merda? Por que suspira quando olha esses diabos de papel? Isso vai acabar! Hoje vai! Vou queimar você e eles juntos, no alto do morro. (Contista Ana Fátima, p. 47)

A jovem negra conseguiu sair-se dele, dando uma martelada em seu rosto, ela fugiu em sentido à floresta, se viu livre das agressões e foi refazer sua vida no Quilombo Sussuarana, juntamente com seu povo.

O conto relata que:

Antes do dia amanhecer, segui por entre as frestas das matas fechadas e, a dez quilômetros da Vila das Flores, renasci no Quilombo Sussuarana com novos passos, novos planos, outros ares. Descobri que ainda havia vida em

⁷ Contos africanos: Os contos africanos são utilizados para manter viva tradições, religiões e as raízes africanas, repassando as mesmas de geração em geração, por meio da literatura.

mim. Restaurei-me junto ao meu povo e uma semente de esperança por tempos melhores cresceu em meu ventre. (Contista Ana Fátima, p. 48)

Ana Fátima através de seu conto nos faz refletir sobre a opressão e violência doméstica sofrida pela jovem por parte do marido. Ela queria apenas ser livre, se empoderar de conhecimento por meio dos livros. A Lei 12.288/2010, em seu Art. 52, parágrafo único afirma: “O Estado assegurará atenção às mulheres negras em situação de violência, garantida a assistência física, psíquica, social, e jurídica.”

A autora nos mostra também o quão corajosa a jovem foi, pelo seu ato de resistir e se juntar ao seu povo no quilombo. E segundo Moura (1992):

Dessa forma o quilombo é o centro organizacional de quilombagem, embora outros tipos de manifestações de rebeldia também se apresentassem, como as guerrilhas de diversas outras formas de protesto individuais ou coletivas. Entendemos, portanto, por quilombagem uma constelação de movimentos de protesto do escravo, tendo como centro organizacional o quilombo, do qual partiam ou para ele convergiam e se aliavam às demais formas de rebeldia. (MOURA, 1992, p. 23).

Portanto, a autora nos chama a atenção mais uma vez, para essa abordagem, de que por mais que já tivesse ocorrido a abolição da escravatura, o ato de resistir e ir para o quilombo se recompor socialmente ainda era frequente e necessário. Segundo Moura 1992, p. 23 “O quilombo é o centro organizacional da quilombagem, embora outros tipos de manifestação de rebeldia também se apresentassem, como as guerrilhas e diversas outras formas de protestos individuais ou coletivas”. Ainda segundo Trindade (2021),

“[...] desde o período que durou o regime escravista quanto, posteriormente no pós-abolição o negro brasileiro sempre se manteve organizado. Mesmo nas mais adversas situações procurava se reencontrar e se associar – em quilombos, confrarias religiosas, irmandades, dos contos e grupos religiosos afro-brasileiros. Eram “organizações intermitentes, frágeis e um tanto desarticuladas, mas sempre constantes” (MOURA, 1982, p. 143). Para o autor esses espaços são organizações de resistência social e étnica. Agrupam pessoas para se autodefenderem das discriminações diversas da sociedade, mesmo que de forma simbólica” (TRINDADE, 2021, p. 51-52).

O conto a seguir de Anamaria Alves, em “Causo da Cobra”, vem resgatar memórias familiares no Quilombo, onde seu avô contava a história de seus antepassados.

4.4 Conto de Anamaria Alves

Segundo a autora, seu avô também dizia que as cobras, antigamente, andavam em duplas (macho e fêmea), e que quando uma das duas morriam, uma passava o veneno para a outra, para que assim, ganhasse vida.

Vovô João, contava a história de um casal de negros recém-casados e recém-libertos da escravidão, que moravam no Quilombo Chacrinha dos Pretos.

Sobre o quilombo, Moura (1992) destaca:

O quilombo aparece, como aquele módulo de resistência mais representativo (quer pela sua quantidade, quer pela sua continuidade histórica) que existiu. Estabelecia uma fronteira social, cultural e militar contra o sistema que oprime o escravo, e se constituía numa unidade permanente e mais ou menos estável, na proporção em que as forças repressivas agiam mais ativamente contra ele. (MOURA, 1992, p. 23).

Ou seja, escravizados fugitivos ou libertos, se juntavam em comunidades, nos quilombos, no qual tinham por objetivo resistir ao sistema escravocrata ou livre mas com trabalho semi-escravo, imposto pelos opressores, no caso, os senhores donos de terras. Todavia, nos quilombos eram realizadas as práticas de resistência por meio da cultura africana ou desenvolvida no Brasil, como o candomblé, a capoeira, entre outras.

A Lei 12.288/2010, em seu Art. 18, destaca que: “É assegurado aos remanescentes das comunidades dos quilombos o direito à preservação de seus usos, costumes, tradições e manifestos religiosos, sob a proteção do Estado.” Assim, em nossa atualidade os quilombolas são amparados por este artigo, que garantem o direito de liberdade de expressão, quanto suas práticas de vivências de seus antepassados como forma de organização social, e como ato de resistência.

A autora em seu conto, relata que um certo dia o rapaz saiu para trabalhar na construção das casas na Chacrinha, onde avistou uma cobra grande, da cor cinza, quase prateada e quando a cobra lhe olhava pronta para o atacar ele a matou. Anamaria relata:

Uma manhã de sol escaldante na Chacrinha se iniciava e Ernesto dos Santos, indo para o trabalho de ajudar na construção de outras casas, encontrou uma cobra bem cinzenta, quase prateada e enorme. Olhou em seus olhos traiçoeiros e, enquanto ela preparava seu bote, o homem foi mais rápido e a matou. Estava pronta a sua próxima brincadeira. Sua mulher tinha muito medo de cobras. (Contista Anamaria Alves, p. 54)

E, como o rapaz era muito brincalhão decidiu levar a cobra para casa, para assustar sua esposa que tinha muito medo de cobra. Ele deixou a cobra esticada perto da mina de água e pediu para que sua esposa fosse até a mina. Chegando lá, a jovem deu um grito. E, quando ele chegou até lá, a cobra antes morta, não estava mais no local e sua esposa estava estirada no chão.

Ele, então, correu com ela até o benzedor José, do quilombo, para que ele pudesse rezar nela. José fez a reza da linha e após várias tentativas conseguiu fazer com que a moça voltasse a vida, mas em troca, Ernesto teve que pagar um preço e esse preço seria sua própria vida em troca de sua esposa. Anamaria ressalta no conto:

Imediatamente ela respirou mais fundo. Como se tivesse renascido. E o homem caiu. Sim, ela viveria. Mas haveria um preço. A vida de Ernesto. A cobra voltou por ele. As fendas verticais daqueles olhos venenosos eram a morte que escolheu o homem e o levaria a qualquer custo. Levou. Dizem que morreu do coração. Oito meses depois nasceria seu único filho. (Contista Anamaria Alves, p. 57)

A autora por meio de seu conto traz uma abordagem da realidade de seus antepassados no quilombo, a contação de histórias de seu avô e as lições no qual tinham por objetivo passar às crianças quilombolas⁸.

A contista a seguir Augusta Nunes dos Santos, por meio de seu conto vem relatar a opressão policial e racismo praticado contra os jovens e adolescentes negros periféricos em 1980. E tem como título “Thiaguinho”.

4.5 Conto de Augusta Nunes dos Santos

Thiago é filho de família negra, sua mãe é técnica em uma instituição pública e seu pai advogado, ambos moram na periferia. E, em um certo dia, vindo da escola de ônibus, a polícia adentrou ao veículo para fazer abordagem e revista.

Augusta relata que os policiais ao verem o menino, o chamam de macaco e pede para ele se levantar, pois por ser negro já havia de ter alguma passagem na polícia. Destaca a autora:

O homem da lei o levanta pelo capuz do moletom e berra:
- Posição de sentido, seu negro malcriado! Ordena ao adolescente que se posicione para a revista. Enquanto Thiago mal se equilibra e se coloca em

⁸ Moral da história: p. 57 “E as crianças ficavam com medo, sim. E evitavam as cobras. Pensavam bem antes de pregar as peças. Era assim. A vida nos ensinava. A morte também.”

posição de sentido, a policial Rose acerta-lhe uma coronhada com o cano 38 que tirara da cintura. (Contista Augusta Nunes dos Santos, p 61)

A Lei 12.288/2010, em seu Art. 53 destaca que: “O Estado adotará medidas especiais para coibir a violência policial incidente sobre a população negra.”

Desta forma, os policiais jogam suas coisas no chão, tiram seus materiais de dentro da mochila, encontram seu celular e perguntam se é roubado; pedem a ele que confesse. Os policiais encerram a abordagem e jogam seu celular no chão, ao lado do livro “Quarto do Despejo”, de Carolina Maria de Jesus, cuja autora, eles nem sabem quem é.

Augusta faz um apontamento pertinente acerca do nosso debate relacionado ao contexto histórico citado por ela e ao Movimento Negro Unificado, movimento negro que os pais de Thiago faziam parte e que foi base de resistência e luta por visibilidade da população negra e a luta pelo fim da discriminação racial por meio da conquista da atual Constituição Federal (de 1988), e da Lei 10.639/2003.

Além do Movimento Negro Unificado, a autora aponta as questões de violência sofrida pelos negros todos os dias no Brasil por parte de policiais, onde por muitas as vezes é levantado um preconceito por parte dessas autoridades, somente pelo simples fato dos jovens, serem negros, ou seja, os taxam de criminosos pelo simples fato de serem negros, fortalecendo o racismo estrutural, que por trás de atos assim, se enraizou desde a escravidão até os dias atuais.

O conto de Catita, com o tema “Desenquadradas” vem abordar a visão de Bruk, um menino negro de cabelos crespos, no qual um dia teve a “visão” de três mulheres africanas ao redor de um poço praticando rituais africanos.

4.6 Conto de Catita

Catita nos conta que Bruk viu mulheres carregando cabaças cheias de água e alguns homens sentados embaixo de uma árvore, rindo e tocando tambor. Mas Bruk não conseguia escutar o motivo das risadas. Catita descreve que:

O sol iluminava capulanas aivando os vermelhos e amarelos, tornando quentes os azuis e os verdes, fazendo crescerem as flores, voarem os pássaros, girarem os grafismos de suas estampas. Ele jurava sentir o calor daquele sol murnúmido. (Contista Catita, p. 77)

Diante disso, com medo de ser tachado como mentiroso, Bruk não contou a ninguém. E, um dia, já rapaz, sua avó o chamou para se despedir. A mesma já estava nos últimos minutos de vida. Ela disse ao garoto, que agora caberia a ele, cuidar daqueles homens e mulheres, assegurando-lhes que todos os dias encham suas cabaças de água, toquem seus tambores, riam e dançam. A avó então afirmou que sempre soube que o garoto seria o guardião e que um dia ele também iria escolher outra pessoa para a referida função, que esse reinado vinha passando de geração em geração.

Catita então nos trouxe em forma de contos, uma abordagem significativa referente aos rituais africanos praticados pelas três mulheres em volta do poço, as crenças em que a avó de Bruk acreditara.

Segundo a Lei 12.288/2010 em seu artigo 24, inciso II sob o direito a crença e expressão religiosa: “a prática de cultos, a celebração de reuniões relacionadas à religiosidade e a fundação e manutenção, por iniciativa privada, de lugares reservados para tais fins”. Os africanos ou afro-brasileiros têm total liberdade de expressar sua cultura e seus rituais religiosos.

O conto a seguir, de Claudia Walleska, contém o tema: “O nome dela é Dandara” e retrata a história escolar da adolescente Dandara Oadq.

4.7 Conto de Walleska

Dandara iniciaria seu primeiro dia de aula em uma escola nova. Mas, com a preocupação do racismo existente nas escolas, seus pais trabalham com ela, o antirracismo e a prepararam para encarar as situações de preconceito, ensinando o significado de seu nome, sua ancestralidade e como rebater os atos racistas. Cláudia descreve no conto:

Você está linda e é muito inteligente, tem tudo para se dar bem nessa escola. Não esqueça, heim? Quem é você? - pergunta seu pai.
 - Dandara Oadq.
 Que nome diferente, de onde vem? - indaga a mãe.
 - Da beleza da minha ancestralidade africana.
 Hum, seus pais são africanos, então? - pergunta o pai, zombando.
 - Não, somos afrodescendentes, já ouviu falar?
 E todos riem das possibilidades brancas pelas quais ela provavelmente passará.

(Contista Cláudia Walleska, p.81 e 82)

Assim, após todo esse momento de preparação da pequena Dandara, em seu primeiro dia de aula, ela segue confiante de que dará conta de desviar-se de falas e atitudes racistas.

Dandara faz novas amizades no metrô em que pegava para chegar até a escola. Os novos colegas iniciam um diálogo com a mesma, passam a se conhecer, até que um deles indaga Dandara, perguntando se a mesma conhece o bairro chamado Liberdade, onde fica localizada a escola em que ambos estudam. O conto assim destaca:

Dandara, você conhece esta região da Liberdade-Japão, bairro onde fica nossa escola? - Antes que ela responda, a colega continua: - sabia que é um bairro onde tinha muitos escravos e muitos morriam buscando liberdade? Por isso o nome.

Sim, é verdade - continua o outro colega. Os escravos japoneses!

(Contista Claudia Wallesca, p. 83)

Dandara por ter toda uma preparação de sua cultura afirma que as pessoas na qual povoaram aquele bairro eram os negros, pois segundo seus pais, era um bairro que abrigava organizações militantes negras e o exemplo no qual ela cita é a Frente Negra Brasileira - FNB. A garota declara também que a Praça da Liberdade continha uma força utilizada para punir os negros naquela época.

Segundo Moura (1992), referente a Frente Negra Brasileira,

Fundada em 16 de setembro de 1931, sua sede social central localizava-se na rua Liberdade, na capital paulista. Sua estrutura organizacional já era bastante complexa, muito mais do que a quase inexistente de jornais. Era dirigida por um Grande Conselho, constituído de 20 membros, selecionando-se, dentre eles, o Chefe e o Secretário. Havia, ainda, um conselho Auxiliar, formado pelos Cabos Distritais da Capital. (MOURA, 1992, p.73).

A Frente Negra Brasileira, criada por Francisco Lucrecio e outros componentes, surgiu com um caráter nacional e teve sua divulgação intencional, pois a partir daí foi criada também uma guarda frente-negrina, a guarda negra, onde os integrantes usavam camisetas brancas e tinham um tratamento severo. Os negros que faziam parte desse movimento possuíam um documento contendo a identificação de membro do grupo e eram respeitados pelas autoridades, conseguindo então, enfrentar a discriminação na Força Pública do estado de São Paulo.

A contista nos chama para observarmos como vem sendo trabalhado, nos âmbitos escolares, as questões ligadas ao racismo e a tortura que os negros sofriam

nos tempos de escravidão, pois a escola instalada em um bairro onde houve muito sofrimento e sangue derramado, é a mesma em que os alunos tinham uma visão distorcida do que de fato ocorreu no referido bairro.

Com base nisso, a Lei 10.639/2003, em seu Art. 26-A, nos revela que:

["Art. 26-A.](#) Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2003)

Portanto, a autora nos trouxe, por meio de seu conto, abordagens significativas e importantes para os debates sobre como esta lei vem sendo aplicada nas instituições de ensino, e se está sendo aplicada. Dandara tinha todos estes argumentos sobre a praça, pelo motivo de já trazer estas informações de casa, pois as escolas não ensinavam a respeito, mas sim, os pais que tinham consciência de sua identidade étnico-racial, isto é, uma consciência negra.

A contista a seguir, Elaine, traz consigo abordagens referentes a uma jovem negra chamada Anima.

4.8 Conto de Elaine Marcelina

Anima, neste conto de Elaine, adentra a Universidade Federal do Rio de Janeiro, para fazer doutorado. O conto destaca que:

A universidade pública atual é um dos locais de poder da elite branca, local de formação de pensadores, filósofos, doutores, pessoas que irão, de certa forma, influenciar a sociedade, e é bem nesse lugar que, passados cento e trinta anos de abolição, estava Anima, filha de uma doméstica, que foi gerada embaixo de uma marquise, e que ao nascer voltou para esta marquise com sua mãe. Quase morreu, porém, ela era mais uma negra que furou o bloqueio e quebrou o sistema, onde muitos jovens negros não ultrapassam o antigo segundo grau, hoje ensino médio. (Contista Elaine, p. 106 e 107)

Assim, Anima ao adentrar neste âmbito em que ela passou a denominar de “a casa grande dos tempos modernos”, para cursar doutorado descobre, da pior forma, que os negros e negras ainda sofriam os vestígios da escravidão, por meio do racismo e da discriminação.

Ribeiro (2019), em seu livro *Pequeno manual antirracista* afirma:

O primeiro ponto a entender é que falar sobre racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas. (RIBEIRO, 2019, p. 9).

O conto deixa bem claro que as universidades são espaços ocupados pela elite, onde, em sua maioria são brancos e brancas que pensam que sabem de tudo, que estão ali, na Universidade, inclusive para escreverem sobre o negro. Elaine relata que:

E seguindo a analogia vivenciada por Anima, a universidade é o local que ela intitula “A Casa-Grande dos Tempos Modernos”, pois é onde se concentram os brancos que acreditam ser detentores e sabedores de tudo, e que ali estão em uma missão de apoiar o negro, porém, essa missão acaba quando o negro quer construir sua própria narrativa, de algo que custou aos seus antepassados mais de três séculos de servidão e subalternidade. (Contista Elaine Marcelina, p. 107)

Assim, a entrada do negro (a) nesse sistema, querendo escrever sua própria história e de seus antepassados, gera um grande impacto. Foi aí, então, que Anima comprou sua “carta de alforria”, segundo ela, não aceitando as migalhas de seus colegas e orientadores, não aceitando o racismo presente naquele espaço decidiu deixar a universidade e voltar para o quilombo, para ficar junto à sua família.

Portanto, a autora Elaine Marcelina nos chama a atenção para o empoderamento e resistência por parte de Anima, pois essa jovem/mulher negra, possuía sonhos, que segundo a autora: “Seguiu triste, mas curando suas feridas e se fortalecendo entre os seus, pois Anima tem um sonho, assim como Luther King.” (Contista Elaine Marcelina, p. 109)

Dessa forma, Anima assim como os seus antepassados, preferiu se retirar, quilombar-se e juntar-se aos seus irmão de luta para voltar em outro momento e quem sabe com outra visão. Conforme Trindade (2021), na perspectiva de reconstrução do espaço universitário aponta que, “(...) o aquilombamento, ou seja, a constituição, imaginária ou real, de um espaço coletivo – diaspórico – de reconexão com a ancestralidade, resistência, fortalecimento de afeto, acolhimento, (re)construção de identidade, produção de novas formas de expressão e ocupação de espaços sociais, tem garantido para o(a)s estudantes negros e negras uma experiência menos árida na universidade” (TRINDADE, 2021, p. 68)

Contudo, no conto, a jovem Anima não permitiu ser surrada pela “sinhá” como se referia ela, à sua orientadora, que de forma silenciosa e camuflada, achou uma forma de praticar e assumir sua branquitude.

O conto a seguir de Esmeralda Ribeiro (uma das organizadoras do C.N), relata um ato racista que uma atendente negra e portadora de deficiência física chamada Folami sofreu, em seu local de trabalho.

4.9 Conto de Esmeralda Ribeiro

Folomi, em um determinado dia estava atendendo uma senhora branca de olhos azuis, que lhe tratou muito mal, pois não queria aceitar as novas regras determinadas pelo sistema da empresa. E, a todo momento dizia à jovem, que seu filho era promotor e que queria que agilizasse seu atendimento.

Segundo o conto, os órgãos públicos estavam sofrendo um grande retrocesso relacionado às tecnologias e com o baixo número de funcionários contratados, assim, causando um grande acúmulo de serviço.

A autora destaca:

Agora, após o treinamento, era só obedecer às novas condutas da cronologia de tarefas. Novos tempos. Na sala do café dos funcionários foi fixado um aviso: Obrigatório cantar o “Hino Nacional” antes de abrir ao público; acompanhados por um policial. Está vetado o uso de caneta ou roupa vermelha e postar qualquer conteúdo em redes sociais, sem autorização. (Contista Esmeralda Ribeiro, p. 113)

Assim Esmeralda Ribeiro nos revela um momento de muitas mudanças políticas, onde os principais afetados foram os servidores públicos, que não tinham sequer a liberdade de usarem roupas vermelhas por estarem associados a certos partidos políticos (em geral, de esquerda), e também nos mostra um sistema completamente autoritário e opressor.

Folami então, tentava dizer à senhora que não tinha como passar por cima das regras e a senhora não dava ouvidos a ela. E, em um determinado momento, a jovem voltou a dizer à senhora que eram regras impostas pelo governo. A senhora então, muito intolerante e impaciente deu um soco no rosto de Folami, fazendo-a lembrar sua infância, onde passou por uma situação parecida com sua professora, também branca e de olhos azuis.

Diante disso o Art. 38, inciso II, do Estatuto da Igualdade Racial nos revela:

Art. 38. A implementação de políticas voltadas para inclusão da população negra no mercado de trabalho será de responsabilidade do poder público, observando-se: II- os compromissos assumidos pelo Brasil ao retificar a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, de 1965; (BRASIL, 2010, p. 38)

Assim, é assegurado por lei, que o poder público é responsável por políticas voltadas aos negros e negras, em seu exercício de função. Promovendo a igualdade a todos em relação aos brancos.

A autora nos revela o quão doloroso foi para a atendente cujo nome é Folami, nome africano, no qual representa “respeite-me e honre-me”. Embora nunca fosse chamada pelo seu nome e sim, por estereótipos como: “morena”, “de cor”, “negra”, “mulata”.

Esmeralda Ribeiro descreve que:

A atendente que não poderia repetir esse erro e decidiu que não aceitaria mais que usassem adjetivos como morena, de cor (...). Tentava educar as pessoas, corrigindo-as para tratá-la como uma pessoa negra. Alguns indivíduos a chamavam de “negra”, mas ela tinha um nome africano, que seus pais escolheram depois de muita pesquisa. (Contista Esmeralda Ribeiro, p. 116)

Folami então, voltou para o balcão e deu um basta em toda aquela tortura perguntando a todos, se alguém fez filmagem do ocorrido. Uma moça se prontificou e repassou a ela, as filmagens. Ela então pegou seus pertences e foi embora do local, resistindo e mostrando a força de uma mulher afro-brasileira, dando jus ao seu nome.

O conto a seguir, de Jéssica Nascimento, vem falar sobre o cotidiano, bem como as crenças, rituais e cultura de Tio Preto, conhecido como baiano.

4.10 Conto de Jéssica Nascimento

Neste conto, Jessica Nascimento nos revela que:

A família toda desembarcou na rodoviária, pelada, só com a roupa do corpo. Na dificuldade de abrir mão de tudo no caminho, Tio Preto trancou os dedos para não entregar de mão beijada um tanto de Minas Gerais que, na sua opinião, valia a pena guardar por mais tempo. Acostumado com a roça, Tio Preto apertou no terreno grilado que ele ocupou na Garoa, quatro qualidades de mandioca, três cabeças de gado, um porco sozinho e um galo antigo. Com os bichos criou sete filhos homens, numa estrutura que, modestamente, não cabia tanta expectativa de vida. Tio Preto fazia questão de parecer que vinha

de longe, vivia com um chapéu grande na cabeça, que muito provavelmente não usava nem quando morava no seu norte, que na verdade era sudeste. Na rua era conhecido como baiano. Quem puxou o apelido não sei dizer, mas o povo acompanhou. (Contista Jéssica Nascimento, p. 133)

Dessa forma, Tio Preto, mesmo distante de sua cidade natal, costumava deixar claro que não era da região, usava seu chapéu grande na cabeça e estava sempre colocando sua cultura e religião em prática, praticando seus cantos negros, suas danças em um quarto reservado, bem como suas oferendas embaixo das árvores.

Com base neste relato observamos o Estatuto da Igualdade Racial, em seu Art. 24, inciso I nos mostra que:

Art. 24. O direito à liberdade de consciência e de crença e ao livre exercício dos cultos religiosos de matriz africana compreende: I- a prática de cultos, a celebração de reuniões relacionadas à religiosidade e a fundação e manutenção, por iniciativa privada, de lugares reservados para tais fins; (BRASIL, 2010, p. 21)

Portanto a autora, nos aponta a forma na qual Tio Preto mantinha suas tradições sempre vivas, sem essa de modernidade, que segundo ele, essa palavra debocha de tudo que é preto. Tio Preto tinha um zelo imenso por suas tradições, na qual ele não permitia que ninguém chegasse perto de seus trabalhos espirituais oferecidos, não se deixando levar pela ideia de “evolução”, que a cidade passava.

O conto “Meu encontro com Jhon Coltrante” de Lia Vieira, vem destacar relações afetivas e uma viagem a trabalho referente a um projeto de literatura de uma moça em Greenwich Village, no ano de 1961.

4.11 Conto de Lia Vieira

Ocupada com o trabalho, livros e pesquisas, fazendo raros passeios a moça sempre admirava a beleza da natureza e os sons de um clube de jazz. Lia Vieira descreve que:

Foram duas semanas absorvidas pelo trabalho, cercada por papéis, livros, pesquisas. Raros passeios pela vizinhança. Eu encontrava beleza nos lugares mais insuspeitados: na teia de uma aranha, na formação caprichosa das nuvens, no som blue-jazzístico que se espalhava no ar vindo do pequeno aparelho de rádio. À noite o som era preenchido pelos acordes vindos de um clube de jazz, não muito longe dali que colocavam nas paredes, impregnando o ar de sonhos. (Contista Lia Vieira, p. 156)

Assim, quando finalizado seu trabalho foi até esse clube, onde ficou encantada com o ambiente e com a atração principal da noite: Jhon Coltrane⁹. Ao final da noite ele foi até a sua mesa e a convidou para um café, pois viu a sua admiração e sentiu-se estimulado.

Foram, então, para o apartamento do artista e tiveram uma noite de longas conversas sobre a vida do artista na Carolina do Norte, na igreja afro-americana, na família, sobre os músicos que o influenciavam e sobre a história da África.

Dessa forma, o conto nos mostra o quanto John era um homem cheio de cultura e conteúdo a serem repassados, onde ela afirma que em sua casa havia uma cultura sofisticada, por meio de seus livros, quadros, pinturas e seus instrumentos musicais.

O conto a seguir, de Lidiane “O espelho” faz uma abordagem sobre Pérola, mulher negra, que enfrentava um câncer no qual os médicos ainda não haviam desvendado tal doença.

4.12 Conto de Lidiane

Segundo o conto:

Pérola jazia em sua cama. Apenas um raio de sol teimava em iluminar aquele cômodo sombrio. Abriu os olhos e constatou a veracidade da teoria de Galileu: o mundo girava (e rápido!). Correu em direção ao banheiro, rejeitando todo o câncer absorvido na noite anterior e doenças de que não se lembrava, as quais carregara no negrume do seu corpo e nunca descobrira as causas. Sua visão periférica, mesmo falha, fez questão de lhe mostrar vivências afogadas em drinques estrangeiros: olhou-se fixamente no espelho e chorou. Pérola não estava ali. A maquiagem borrada redesenhava sem piedade uma outra mulher, e ninguém seria capaz de impedir a catástrofe que lhe fora destinada. (Contista Lidiane Ferreira, p. 161 e 162)

No dia de seu aniversário, Pérola se olhava no espelho sem perspectiva alguma de vida e sem motivos para comemorar tal acontecimento. Assim, Pérola em seu banheiro, passando mal, vivia fantasias de amor, sonhava acordada com um grande homem ao seu lado, mas tudo não passava apenas de ilusão, pois sua realidade era outra, enfrentava esse turbilhão de problemas sozinha, apenas com sua mãe Luzia, tia Maria, a prima Carmem e Amanda ao seu lado, na qual todas também viviam suas vidas sozinhas, uma contemplando a companhia da outra.

⁹ John William Coltrane (23 de setembro de 1926 — 17 de julho de 1967) foi um grande saxofonista e compositor de jazz norte-americano.

O conto nos chama a atenção dos momentos desesperadores de nossa vida, que inclusive, devido ao racismo e o preconceito desejamos até a morte, e fala também da necessária esperança de dias melhores e de um amor, no qual essa mulher descrita, sonhava. Após adormecer decorrente dos medicamentos fortes, a mesma navegava em seus lindos sonhos. A mulher tinha sonhos também de sua infância, de sua família, amigos, tinha lembranças do quanto foi feliz naquela época. E esses sonhos, interrompidos pela chegada dos próximos em comemoração de seu aniversário a fizeram conectar-se novamente e sentir o desejo de continuar vivendo.

O conto “Menina do laço amarelo”, de Lígia, descreve a trajetória escolar em 1999, de uma menina negra, órfã de pai e mãe chamada por todos de escurinha, contada por um garoto branco, que era apaixonado por ela.

4.13 Conto de Lígia Costa

A autora descreve que a menina do laço amarelo causou um impacto muito grande ao adentrar a escola, pois seus colegas nunca haviam visto uma menina tão negra e que, aos olhos do garoto era a mais bela de todas. Ao vê-la o garoto passou a refletir que naquele dia entendia o significado de ser diferente e associou a cor da menina com as suas babás, quando criança.

O conto nos revela que:

O silêncio ensurdecedor, ocasionado pela revelação da professora, acabou com um assustado...

- Xiiii! Ela é preta!

- Ah, então é feia!

Não! Não é feia, não. Ela é linda. A mais linda de todas as lindezas. Encantado falei. E emudeci. (Contista Lígia Santos Costa, p.169)

A autora deixa bem claro dois problemas existentes na realidade ilustrada neste conto. O primeiro a se falar é a exclusão social pela discriminação que ocorria e ocorre, por parte do sistema organizacional da cidade em que a escola estava localizada, pois o conto deixa bem claro que a mesma era separada em regiões, onde os pobres, negros e indígenas marginalizados habitavam Pouso Baixo, formado por uma espécie de favela. E os ricos povoavam o Pouso de Cima, região onde ficava concentrado pontos comerciais e a economia da cidade de Santa Tereza.

Carneiro (1995), afirma:

Dessa forma, persistem mitos que alimentam falsas realidades. Muitos necessitam deles para conseguirem enfrentar o cotidiano, a fome, a miséria, o caos político. Mas alguns desses mitos agem negativamente, favorecendo determinados grupos sociais, em prejuízo de outros. O Brasil da *democracia racial*, ou do brasileiro *homem cordial* não existe. Senão, como explicar a situação marginal em que vivem os negros, mulatos e indígenas? (CARNEIRO, 1995, p.9)

Ou seja, Carneiro (1995), nos mostra como o sistema organizacional funciona no Brasil, onde muitos são portadores de privilégios, no caso da branquitude, enquanto os pobres, negros e indígenas sofrem discriminação e estão à margem da sociedade.

O segundo problema existente no conto é o racismo estrutural e o preconceito sofrido pela menina, por sua cor de pele, onde é relatado que a menina viveu dias sombrios pelos comentários dirigidos a ela, e pelas discussões que gerou com sua chegada, muitos debatiam como seria ameaçador juntar as crianças “de boa família” com “a menina escurinha”.

Assim, o conto aponta que no dia da formatura de 4º ano da turma, os coleguinhas começaram a repassar bilhetes de votação para quem iria dar uma lição na escurinha, na hora que ela fosse receber seu diploma. E, pela tristeza do garoto, seu nome estava lá, como o mais votado. Ele de forma alguma queria fazer isso, segundo o conto, mas com medo de descobrirem sua paixão infantil pela menina, que era rejeitada por todos, o garoto executa o plano dos coleguinhas, desferindo uma pedrada na cabeça da menina. O desejo e a paixão infantil pela menina negra não a livraram do “quase linchamento moral e físico ocorrido”, chamando-a todo momento de feia e desferindo uma pedrada em sua cabeça, que a fez desmaiar. Daí a importância da intervenção pedagógica da escola, que ao se omitir reforça essa ação, bem como a necessidade de leis severas para punir atos deste tipo e promover a beleza negra, afro-brasileira.

Lílian, em seu conto “Necropolítica”¹⁰ destaca situações corriqueiras do dia a dia das periferias, no qual, pessoas negras são assassinadas pela polícia em operações em que a ordem é atirar em alguém daquele lugar, mortes decorrentes, entre outros.

¹⁰ Necropolítica é a ação desenvolvida pelo Estado, na qual dita quem deve ou não morrer.

4.14 Conto de Lílian Paula Serra e Deus

Conforme o conto:

A ordem era mirar nas cabecinhas e fogo. Enquanto sobrevoavam nas suas aeronaves milionárias, munidos da certeza dos alvos, sabiam que ali só havia aviõeszinhos. Quando dona Dores chorou o corpo de seu filho estendido no chão, como bicho, boi abatido pelas costas exibido como troféu, resultante da caça empreendida com sucesso, também sabia que não seria a lágrima derradeira. Eles nunca erraram a mira, nunca perderam o alvo, mesmo que para isso engendrassem oitenta precisos disparos. (Contista Lílian Paula Serra e Deus, p. 175)

Assim, a autora vem nos mostrar o quanto as pessoas que residem em favelas estão vulneráveis a qualquer tipo de violência e opressão, inclusive por parte do estado, com suas necropolíticas, que conforme o próprio título do conto é uma política de morte adotada pelo Estado, onde matam deliberadamente as pessoas que estão à margem da sociedade.

Com base nisso o Estatuto da Igualdade Racial em seu Art. 2º afirma:

Art. 2º É dever do Estado e da sociedade garantir a igualdade de oportunidades, reconhecendo a todo cidadão brasileiro, independentemente da etnia ou da cor da pele, o direito à participação na comunidade, especialmente nas atividades políticas, econômicas, empresariais, educacionais, culturais e esportivas, defendendo sua dignidade e seus valores religiosos e culturais. (BRASIL, 2010, p.9)

Dessa forma, é dever do Estado assegurar à essas pessoas que estão marginalizadas, a inclusão social dando oportunidades e não ditando se devem ou não ter o direito de viver. Pois como o próprio estatuto diz, “É dever do Estado e da sociedade garantir a igualdade de oportunidades”.

O conto relata também, a falta de infraestrutura nas favelas, por parte do Estado, pois, em época de chuva muitas casas desmoronam soterrando pessoas e novos prédios são construídos irregularmente. Retrata ainda, o investimento alto, do estado, todos os anos, em decorações natalinas, enquanto milhares de famílias não têm o que comer em suas casas e sofrem insegurança alimentar.

Em seu conto “Em segurança”, Lindevania Martins destaca o racismo estrutural presente em nossa sociedade, todos os dias, contra mulheres negras, com ênfase em um dia específico na vida de Renata, na qual era casada com um homem branco, loiro.

4.15 Conto de Lindevania Martins

O conto relata que:

Renata sentiu uma fisgada na perna e interrompeu o exercício. Depois de tanto tempo de sedentarismo não poderia exagerar na corrida. Eram nove horas da manhã quando retornava da praia o qual se mudara havia menos de uma semana. Situado numa rua movimentada, fora escolhido porque ficava próximo ao mar. Renata observou sua fachada clara, adornada pelas palmeiras compridas que lembravam sua infância no litoral. (Contista Lindevania Martins, p. 179)

Renata e a família tinham acabado de se mudar para um bairro nobre. E, em um certo dia ela esqueceu a chave de casa e teve que esperar o marido na calçada de sua casa. Renata foi abordada quatro vezes em um curto prazo de tempo que ficou ali esperando. Uma velhinha tratou-a com preconceito só pelo fato de ter visto ela sentada na calçada esperando seu esposo.

Segundo o conto:

Uma velhinha se aproximou e sorriu para Renata, que devolveu a gentileza. Depois, a velhinha jogou uma cédula dentro do seu boné e piscou um olho para ela como um adulto condescendente com um comportamento infantil. Passou a mão no cabelo de Renata e, antes de sair, sussurrou: - Nada de comprar drogas, minha filha!

Renata olhou para a idosa que parecia ter um rosto bondoso, sem nada compreender. Outra mulher, de cerca de quarenta anos, alta, usando óculos grossos, tendo visto a idosa lhe oferecer dinheiro parou na frente de Renata e colocou a mão na cintura, balançando a cabeça de um lado para o outro: - Não tem vergonha? Tão noval! Em vez de trabalhar, fica aí pedindo dinheiro para os outros! Aposto que se te pedissem para lavar uma calçada você não ia querer!

(Contista Lindevania Martins, p. 181)

A autora nos mostra o quão o preconceito aliado ao racismo é presente em bairros nobres, pois Renata foi pré-julgada só pelo fato de ser negra e estar esperando seu esposo na calçada do prédio.

Segundo Carneiro (1995, p.7), o preconceito é um “Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem conhecimento dos fatos. É uma ideia preconcebida e desfavorável a um grupo racial, étnico, religioso ou social, implica aversão e ódio irracional contra outras raças, credos, religiões, etc.”

O conto também nos mostra o quanto Renata foi vítima de racismo e machismo, pois algumas pessoas deram dinheiro, pensando que a mesma estaria pedindo

esmola, homens a perguntaram quanto custaria um programa sexual, sendo vista como uma prostituta.

Ribeiro (2020), em seu livro “Quem tem medo do feminismo negro” afirma:

Esse comportamento de Paes diz muito sobre o discurso autorizado e como algumas pessoas se sentem confortáveis em reduzir um ser humano ao seu corpo. Numa sociedade racista e machista como a brasileira, mulheres negras são hipersexualizadas e tratadas como objetos sexuais. E a relação entre colonização e cultura do estupro é direta: no período colonial, as mulheres negras eram estupradas e violentadas sistematicamente. (RIBEIRO, 2020, p.120)

Ribeiro (2020) nos chama a atenção para o quanto está enraizado, a anos, na nossa sociedade, o machismo e a ideia da mulher negra ser da posse de algum homem, interligada ao seu corpo, onde as mesmas são tratadas de forma desumana e violenta, e que segundo a autora, a mulher negra: “É o grupo mais estuprado no Brasil, já que as construções sobre corpos servem para justificar a violência que sofrem.” (Ribeiro 2020, p. 120)

Portanto, a autora nos trouxe, em um único conto, vários atos racistas, preconceito e machismo no qual Renata sofreu. Ela aborda também que a mesma, quase foi agredida por um homem, no qual pensou que Renata fosse babá de seu filho. E a polícia, vendo o caso de longe foi até ela pedindo seus documentos e de seu filho, alegando que a moça estaria roubando a sua própria criança.

A contribuição de Lorena Barbosa na obra CN42, tem como título “A Preta da Terra”. Traz as memórias familiares de uma jovem que morava com sua avó, mãe e tia, todas negras.

4.16 Conto de Lorena Barbosa

A autora aborda as memórias de uma menina negra, cujo nome não é mencionado na produção literária. Trouxe recordações de como viviam, de como sua avó falava que sua cara era “vermelha como a terra”. A menina também carregava lembranças de que, todos os dias, sua avó fazia suas práticas religiosas. De acordo com o conto:

A barra da saia de chita insistia em ser arrastada no chão sempre que ela se sentava na cadeira de madeira bruta, entre a pia de vasilha quase suja e a porta da cozinha. O chão de cimento consolava o tecido que por muito tempo esteve ali, religiosamente, a partir de três da tarde. Plantas, feito arruda,

ajudavam a montar o cenário do qual hoje eu, mesmo após tantos anos e já mulher feita, ainda consigo me lembrar nitidamente. Vovó havia parido quatro filhos, um homem e três mulheres. Seu Juca contava que o garoto tinha batido as botas assim que descobriu que era preto. A verdade eu nunca descobri, só sei que cresci ao redor de três extensões femininas de dona Abigail. (Contista Lorena Barbosa, p. 187)

Assim todos os dias sua avó, dona Abigail contava à menina, narrativas e memórias antigas, sobre a vida em Minas, conhecimentos sobre plantas, falava da cidade e que todos os dias ela esperava por algo, ou alguém, no qual ela não sabia quem era. A única certeza que a garota tinha era que a avó, a tia e sua mãe eram todas mulheres pretas e que sempre dormiam sozinhas.

A autora descreve também, o quanto a menina achava aquela pele de sua avó bonita, e, principalmente, no contraste da luz. A menina criava histórias em sua cabeça e as mesmas se passavam ao redor do Rio Paraopebas, onde residiam homens agressivos, crianças em situação de fome e mulheres carentes, isto é, sem afeto.

O conto de Luana Passos, “O farol” trata de um casal de pretos, que mantinham relações afetivas e enfrentaram uma abordagem policial.

4.17 Conto de Luana Passos

Em um dia de domingo chuvoso, um casal de pretos, marcaram um encontro presencial. Mas, ao saírem de casa são parados pela polícia, que implica com o farol queimado do carro.

De acordo com o conto:

Na ânsia de chegar, manteve constante a velocidade: 60km/h.
O policial fez sinal para parar. Merda!!! Ainda pegam no nosso pé. Preto não pode ter um carro bacana que logo mandam parar (faria diferença?). (Contista Luana Passos, p.194)

Portanto, o conto vem afirmar que ambos tiveram as mesmas reações em dizerem aos policiais: “não podem ver um(a) preta(o) bonito(a) em um carro estiloso que já querem parar”. Mas, apesar do imprevisto, deu tudo certo no final da noite e o casal de pretos, apaixonados, seguiram com seu encontro.

“Turquesa” é o conto de Luciana Leitão que aborda a história de três amigas em Cabo Verde, na África.

4.18 Conto de Luciana Leitão

Neste conto são duas negras africanas e uma negra brasileira. Francisca é marisqueira, Conceição cuida do hotel da família e Antônia é uma turista que se hospeda no hotel de Conceição.

Conforme a produção literária de Luciana, Francisca é diagnosticada com câncer de pele e ao ser questionada pela médica, se ela tem histórico de doença de pele na família, ela afirma que toda sua ancestralidade foi dilacerada pelo comércio de pessoas, em tempos de escravidão. E que sua pele ainda transpira lembranças de épocas em que seus antepassados eram chicoteados.

De acordo com Carneiro (1995):

Em obras recentes, historiadores e sociólogos têm amenizado a escravidão no Brasil, apresentando-a como suave e enfatizando que os negros escravos recebiam dos senhores um tratamento humano. Discordamos. A realidade física e social da escravidão foi dura, cruel e deixou profundas cicatrizes. (CARNEIRO, 1995, p.15)

O que Carneiro (1995) nos revela, é que as pessoas tentam suavizar a tortura inexplicável que foi a escravização, onde, nas histórias escritas pelos brancos, o negro esteve na situação de escravizado de forma espontânea. Mas não ocorreu desta forma. E mesmo após a abolição em 1888, não se criou estratégias para a inclusão dos negros na sociedade, onde a anos os mesmos buscam por um espaço que lhes foi negado, onde a perpetuação do racismo esteve e está enraizado em nossa sociedade, e principalmente a discriminação por conta de questões raciais e sociais destes grupos.

Segundo o conto, quando Conceição está com Francisca conversando na cozinha, aparece Antônia e se junta às duas, onde Conceição afirma para a turista que também passa por muitas situações de racismo em seu hotel, pois ela afirma, todos os dias, que tem que explicar para seus hóspedes, que seu povo não é animal selvagem e que nem todos passam fome na África.

Segundo Munanga (2009):

Em termos gerais, tem-se da África uma imagem muito simples e reducionista, ilustrada por expressões como “na África é tudo a mesma coisa; na África é tudo diferente”. Esqueceu-se de que se trata de um continente com 56 países; uma superfície de 30 milhões de quilômetros quadrados e uma população de cerca de 600 milhões de habitantes. (MUNANGA, 2009, p.20)

Sendo assim, Munanga (2009) nos chama a atenção para olharmos adequadamente para a África, como um continente, no qual possui uma diversidade não só de países, mas de cultura, biologia e linguística. Sua divisão geográfica segundo Munanga (2009, p. 20), possui uma imensidade de sociedades, na qual: “Falam línguas diferentes e possuem escala de valores, crenças religiosas e instituições políticas e familiares distintas.”

E quando o assunto parte para Antônia, no conto, ela é questionada se tem filhos, ela afirma que seu companheiro nunca quis, pois ela cogitaria que por alguma coisa ele não gostara da ideia de ser pai de uma criança negra, pois o que bastaria a ele era estar somente do lado de uma mulher negra. Conforme a autora descreve no conto:

Era conveniente para a imagem do pesquisador de cultura africana estar ao lado de uma mulher negra. E só.
Antônia toma um grande gole.
A erudição dele não era posta em prática da porta de casa pra dentro. Tenho meu corpo como testemunha. (Contista Luciana Leitão, p. 206)

Assim, a autora nos trouxe, de diferentes formas em seu conto, questões existenciais de racismo e ancestralidade africana. Onde cada uma das personagens citadas, carrega consigo uma dor, das profundas marcas da escravidão.

Manuella Santos destaca em seu conto, o relato de uma paixão e desilusão amorosa de uma mulher negra, que escrevia poemas.

4.19 Conto de Manuella Santos

Em um determinado dia, em uma praia de areia branca conheceu um homem de pele negra e dreads até a cintura, no qual fantasiou ser uma pessoa doce e gentil, onde os dois trocavam mensagens, poesias, músicas e afetos.

De acordo com Manuella,

Eu não poderia acreditar na mudança daquela criatura, que se aproximara tão doce, tão gentil, e demonstrava ser o que eu realmente queria que fosse. Ele era tão parecido comigo! Mas também era tudo o que eu queria que não fosse. Uma bela criatura, porém, egocêntrica. Maquiou suas imperfeições como a face de um arlequim, com aquele olhar triste e apaixonado pela columbia. Eu, ali, apenas me permitindo. Um fantoche talvez, ou um boneco de areia que se desfaz com o vento. Mal saberia que as manhãs de bom-dia se transformariam em noites vazias. Ele enalteceu aquela moça que achava que já sabia escrever versos e ao mesmo tempo a abandonou, sem ao menos ler a carta que lhe escrevera. Tão sincera. Ela mesma relia

todos os dias, tentando adivinhar se causara e ele alguma emoção quando recebeu. O silêncio seguiu em desprezo. (Contista Manuella Santos, p. 224 e 225)

A autora nos revela que só bastou uma simples foto dos dois nas redes sociais, postada pela mulher, para ele mostrar quem realmente era: machista, egocêntrico, que discriminou aquela mulher negra, apaixonada, afirmando não ter acontecido nada entre os dois, tornando assim, aquela louca paixão, em desprezo e inspiração para a escrita de poemas e empoderamento, que a levaria para outros lugares, ainda mais distantes e maiores.

“Espinha de peixe” é o nome do conto de Mari Vieira, que nos fala sobre as memórias familiares de um garoto, ainda guardadas em um homem, cujo nome é Paulo.

4.20 Conto de Mari Vieira

Paulo foi privado de ver os filhos e a ex-esposa, pela justiça, mas em uma das tentativas conseguiu que Rosa o deixasse vê-los. Procurou então, sua antiga trançadeira para refazer os dreads e a mesma sugeriu que ele fizesse um peixe na lateral da cabeça.

E foi por meio desse penteado, que ele navegou em um rio de suas memórias de quando ainda era garoto. Paulo guardava consigo as lembranças de sua antiga casa, perto de um rio cheio de peixes, onde presenciou várias agressões por parte do pai à sua mãe e irmãos. Conforme o conto:

Morava perto de um rio repleto de peixes. Tentava contar momentos dessa época, mas Ana mal o ouvia e já enveredava para outro assunto. Acolheu dentro de si as lembranças do menino pescador, filho de mãe santa e pai bravo. O pai, que pai tivera? Um homem feroz que não aceitava um olhar que julgasse estranho, uma palavra mal colocada, uma benção que estendia mal pedida. Quaisquer deslizes eram punidos com safanão ou surra. Isso valia para os filhos, a mãe e qualquer um que o encontrasse nos seus piores dias. (Contista Mari Vieira, p. 232)

Sua mãe sempre tentava justificar as atitudes do pai e falava que seus comportamentos eram devido ao trabalho excessivo que tinha em uma fazenda. Mas, um dia o pai chegou incontrolável, sua mãe serviu um café e ele reclamou do mesmo, sua mãe foi passar outro café e ele continuou a reclamar. Nesse momento, o pai agrediu a mulher e passou o seu rosto no ferro quente do fogão. Segundo o conto:

Ele e o irmão viam a cena do corredor: a mãe apanhando, o pai pegando uma panela pesada para espancá-la ainda mais, objetos voando pela cozinha. Por fim, armado com a enxada para salvar a mãe. O pai feroz os jogou longe. A mãe, já livre, começara a bater também, a casa desabava em gritos. Repentinamente, o pai saiu, atravessou o rio e não voltou. (Contista Mari Vieira, p. 234)

A autora relata que á noite, quando todos já estavam deitados, chega Seu Tião batendo na porta e trazendo com ele a notícia de que seu pai havia sido assassinado em uma briga no bar. Nem sua mãe, seus irmãos e ele choraram diante do fato, pelo contrário sentiram-se aliviados. O menino somente questionou que “o pai morreu e eu não o matei”. Guardou essa mágoa do pai todos esses anos e na cadeira enquanto fazia o penteado, vivia essas memórias.

Por fim, por trás de todo essa narrativa de violência sofrida pela mãe do menino, a autora quis mostrar aos seus leitores que foi somente a partir dessas memórias que o homem pode chorar a morte do seu pai e refletir diante do juiz qual era o verdadeiro sentido de sua mãe sempre perdoar seu pai e inventar todas aquelas desculpas.

O conto “Afeto” de Marli de Fátima Aguiar reflete a memória de Makeba, uma mulher que passa por uma batalha interna de suas memórias da infância, das amigas da colônia, das bonecas de sabugo confeccionadas por sua mãe.

4.21 Conto de Marli de Fátima Aguiar

De acordo com o conto, Makeba navega em suas memórias de infância, após olhar-se em seu antigo espelho. Memórias na qual ela e suas amigas em épocas de colheitas, andavam por todo milharal a procura de bonecas de todos os tamanhos e cabelos, em diferentes cores.

De acordo com o conto:

Era um ritual, uma criação formidável aos olhos da criança, agora mulher, mas suas lembranças eram tão vivas que atravessaram os tempos. Uma noite ela ficou olhando sua mãe fazer nascer sua boneca, Makeba chupava o dedo como se estivesse se amamentando da teta abundantemente de sua mãe, encostada à beira do fogão de lenha para se aquecer. Viu a mãe chegar com uma trouxa de panos grandes, pequenos e coloridos, esperava a chegada de sua boneca de pano. (Contista Marli de Fátima Aguiar, p. 243)

Assim, quando não havia mais milho, sua mãe fazia bonecas de pano¹¹, que igual as de milho, não tinham muito tempo de validade. Sua bisavó relatava como foi a travessia do Atlântico e também que as mães que estavam junto, faziam bonecas com as roupas de seus próprios corpos. Mas essa era a forma que sua mãe tinha em lhe transmitir amor, afeto e carinho: em forma de boneca.

A autora por meio desse conto vem mostrar as memórias de Makeba. Memórias familiares, de sua infância com suas amigas, mãe, avó. É relatado também a ancestralidade africana de Makeba, onde a construção das bonecas fora repassada de geração em geração. Assim, a menina que agora era uma mulher mantém viva as suas lembranças da infância regadas de muito afeto.

A autora Míghian Danae, em seu conto “Homens negros homens”, aborda as aventuras amorosas na vida de uma mulher negra de 40 anos.

4.22 Conto de Míghian Danae

O conto relata que uma mulher teve relacionamentos de curto período com seis homens. Nenhum relacionamento que ela estabelecia era duradouro e a mulher sempre carregava manias das quais esses homens possuíam, mas a referida mulher não queria ser vista para casar, pois ela acreditava sempre estar pronta para o amor.

Segundo o conto:

Não é que ela sempre tivesse pretendentes ou acreditasse que todos a amavam. Ela entendia que não fazia parte do “tipo” de mulher vista pra casar, por ser negra, por ser pobre, por ter cabelo crespo, por não ter “bons modos”, por não ser virgem, por ter mais de uma camisinha na carteira — uma delas sempre G, só para garantir não ter de ouvir que as comuns incomodavam o suficiente para não quererem usar. Ela não queria ser vista para casar, ela só queria ser vista, e isso acontecia, aqui ou ali, porque ela queria. (Contista Míghian Danae, p. 249)

Ou seja, a autora vem nos revelar o quanto essa explicação masculina e machista, racista, sobre quem pode (brancas) e não pode (negras) se casar e sobre o uso dos corpos femininos negros “(...) por ser pobre, por ter cabelo crespo, por não ter “bons modos”, por não ser virgem, (...)” p. 249; ficou ainda arraigado em muitas mulheres, que não veem mais outra possibilidade de relacionamento, levando essas mulheres a não se prenderem totalmente a um único relacionamento e estarem

¹¹ Bonecas Abayomi – símbolo de resistência.

sempre disposta a conhecer novos horizontes. A personagem do conto vivia cada dia intensamente, sentia amor e prazer por todos os gestos gentis de cada homem, e assim, não ficava totalmente só, mas às custas de uma moral racista e menos por uma outra visão de relacionamento social.

A autora Silvana Martins, em seu conto “Fim do mundo”, traz uma abordagem dos tempos do Regime político da Ditadura Militar, onde muitos corpos negros foram ceifados.

4.23 Conto de Silvana Martins

“Fim do mundo” fala das atrocidades das Ditaduras (Militar ou Civil), combinadas com o racismo.

Carneiro (1995) destaca:

Pairava sobre o ar a sensação de que a velha democracia liberal caminhava para a extinção. Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade foram substituídos pela disciplina do corpo e do espírito, pelo culto à raça eugênica. A discriminação política e o preconceito racial transformaram-se em fermento das inquietações que marcaram o cotidiano da era Vargas, sobretudo no Estado Novo (1937-1945). (CARNEIRO, 1995, p. 36 e 37)

Carneiro nos revela o quão opressor foi o sistema ditador da Era Vargas. A repressão política discursava que exigia que houvesse ordem no país, mas para tentar controlar e se possível extinguir os negros, mulatos, judeus, ciganos entre outros grupos sociais.

Assim, essa mulher do conto, era mestiça, filha de um general branco e de uma mulher negra que andava pelas ruas destruídas, onde morava, carregando consigo uma criança em seu ventre. E de acordo com a contista:

O ódio assola as ruas da cidade, Sinto-me no meio de uma guerra civil. Ando entre os corpos. Mortos. Ensanguentados. Negros, todos negros! Quando me viro para a direita, vejo uma senhora com saia longa, óculos e coque na cabeça. Lembra-me a Dona Benta. Carrega uma bandeira pela marcha da família. Ela está sorridente, olha para os corpos, gargalha mais e mais. Sai gritando:
- Viva a nova ordem do Brasil. Ditadura, esperamos você. (Contista Nana Martins, p.253)

De acordo com o conto, a mulher mestiça aos poucos se sentia mal e quando acordou seu bebê veio ao mundo. Enfermeiras o entregavam e diziam que ele era o último bebê negro do país, pois todos tinham tido suas vidas ceifadas pelos militares.

Segundo o conto:

Eu não sabia o que responder, pensei em grandes nomes, como Zumbi, Mandela, Luther, mas eu não queria um grande nome, nem um grande homem. Eu queria apenas um menino que pudesse escolher o que iria ser, eu queria apenas um menino que pudesse brincar com uma bola. (Contista Nana Martins, p. 254)

Assim, estava nas mãos da mulher resistir e lutar pelo seu povo, pois segundo a profecia destinada a ela “a paz só chegaria no dia em que aquela que for mãe, mulher e filha morrer diante dos olhos dos que mais a amam”, e assim ela fez. Se rendeu ao sistema, como forma de libertar seu povo, se entregou para seu pai, cujo mesmo era coronel e atuante da ditadura.

A autora vem nos mostrar o quanto, após a escravidão, os negros ainda sofreram com batalhas sangrentas durante as ditaduras, como a de Vargas, a Militar em 1964, entre outras; onde vidas negras não importaram e foram tiradas. O ato de resistir passou a ser o fundamental até a chegada de algum momento de superação.

O conto de Samira Calais, “Não vai achando que é só alegria”, fala sobre Jô, uma mulher negra e pobre que estudou com auxílio de bolsas de estudo, em um dos melhores colégios de sua cidade, pois sua mãe não tinha condições financeiras para arcar com seus estudos.

4.24 Conto de Samira Calais

Jô era a única menina negra da turma e quando se tornou adolescente conheceu suas grandes amigas, onde todas eram brancas. No colegial, Jô dedicava-se apenas aos seus estudos, era bastante tímida, mas aos olhos de alguns era uma “negrinha metida” e para outros, sua presença não gerava nenhum impacto.

Conforme o conto:

Jô agora era professora universitária e morava em um apartamento no centro da cidade com o seu companheiro. A vida dos dois era tranquila e os papos sobre política, regados a vinho, viravam a madrugada. A casa parecia uma floresta em meio a tantas plantas cuidadas com muito carinho. Eles tinham também um gato, pretinho como eles, que só subia na cama nas noites frias. É... aquela notícia boa tinha chegado para colocar tudo de cabeça para baixo e ela precisava contar sua conquista para as suas inseparáveis quase-irmãs. (Contista Samira Calais, p.263)

Jô então marcou de reunir-se com as amigas, para contar às mesmas, uma notícia. E ao chegar ao local de encontro (o bar), Jô falou que teria uma grande notícia a compartilhar com elas. No mesmo instante, suas amigas tentavam adivinhar o que Jô queria contar, imaginando que Jô estaria grávida. E, na verdade, ela só queria falar sobre o tão sonhado doutorado que a mesma tinha conseguido passar, na França.

Neste conto, a autora nos revela o quanto Jô foi silenciada, em suas tentativas de fala e que em todos os momentos teria que se esforçar duas vezes mais para se destacar. No fundo, expressam seus racismos pois não imaginam intencionalmente a comunidade negra fazendo doutorado, ainda mais na França, conhecida mundialmente como um dos berços da cultura ocidental contemporânea.

O conto da autora Silvia Barros, “Damiana” relata a vida de uma negra, escravizada, que junto a sua família, trabalhava em uma fazenda.

4.25 Conto de Silvia Barros

Damiana não sabia ler, porém decodificava algumas palavras e tinha noção de contas, pois trabalhava de lavadeira, contagem de alimentos e do ciclo menstrual.

De acordo com o conto:

Os senhores já haviam designado seus pretos e suas pretas de ganho, que iam trabalhar no arraial, onde todos se reuniam para negociar os produtos da terra, panos, utensílios e quitutes. Os demais trabalhavam na fazenda, que era pequena e dava um pequeno lucro que pagava a educação dos sinhozinhos, os três que eles tinham, além das duas moças. (Contista Silvia Barros, p. 269)

Damiana prestava serviços para senhoras de outras fazendas, era sempre muito atenta às conversas que ouvia durante os seus trabalhos, conversas essas relacionadas a abolição da escravatura. Abolição que segundo Carneiro (1995):

Se recuarmos até 1888 — data da Lei Áurea — veremos que, mais uma vez, a maioria branca falseou a realidade. Na versão de alguns historiadores, a lei expressou a bondade e a capacidade de iniciativa das classes dominantes, preocupadas em oferecer ao negro melhores condições de vida. Outros endossam a tese de que a abolição significou a passagem para as formas de trabalho livre. (CARNEIRO, 1995, p.16)

Assim, a ideia de abolir a escravidão surgiu para dar espaço às novas formas de trabalho, no sistema capitalista, devido a Revolução Industrial ocorrida primeiramente na Inglaterra e depois em quase todos os países europeus e nos E.U.A.

Sendo o trabalho remunerado por meio do salário (mínimo) para aqueles que não detinham os meios de produção (maioria da população). E, neste novo modo de produção capitalista, os negros permaneciam em condições parecidas como a de escravos e viviam às margens da sociedade, não tinham a nova profissão exigida e permaneciam analfabetos, pois foram proibidos de frequentar a escola em tempos de escravidão, que durou mais de 300 anos no país.

O conto descreve que, em um certo dia o senhor da fazenda passou mal, e paralisou uma parte do corpo, os escravizados comemoravam todos os dias e quando alguém lhes perguntava o motivo para tal, eles afirmavam que eram festejos para os seus ancestrais.

Segundo Silvia Barros:

Nos dias que se seguira, quase nada mudou. Jorge reuniu os poucos pretos que ainda viviam como escravos na fazenda e deu a notícia da liberdade. Foi uma grande festa, porém, no dia seguinte, muitos ficaram confusos sobre o que fazer. Os jovens que sabiam ofícios úteis na cidade foram os primeiros a se despedir da vida na roça. Na casa-grande, também havia uma nova movimentação. Um dos filhos do senhor chegara e estava resolvido a tomar conta da propriedade e fazer naquelas terras uma grande produção de algodão, como havia nos Estados Unidos. Levaria para lá dezenas de negros livres a quem pagaria um pequeno ordenado. (Contista Silvia Barros, p. 275)

Damiana, por muitos anos, juntava o dinheiro que ganhava e escondia de seus filhos e do marido. A escravidão então foi abolida em 13 de maio de 1888 e muitos escravizados seguiram outros rumos, menos ela e sua família que continuaram na fazenda, mas agora remunerados com o salário (mínimo). Então, Damiana decidiu ir até a cidade e comprar roupas de luxo e se portar como uma rainha.

A autora em seu conto vem nos mostrar como funcionava a vida dos escravizados e ex- escravizados. Em liberdade devido a abolição, relata como a vida do negro e da negra era difícil, não tinham vez em aprender ler, sofriam punições severas se algo na casa grande, ou nas lavouras saísse do controle, entre outros castigos. Provavelmente, era por isso, a comemoração quando acontecia qualquer coisa que interrompesse essa vida de sofrimento e injustiça.

O conto “Sementes” de Val Lourenço aborda questões de demarcação de terra. Terras essas habitadas por uma comunidade quilombola que enfrentava desmandos de um fazendeiro chamado Medeiros.

4.26 Conto de Val Lourenço

Neste quilombo também habitavam Zaila e Nando, que eram primos, marido e mulher. Zaila estudou tornando-se professora de História e voltou para o quilombo para dar aula, carregando em seu ventre, Dandara, a filha que nascera do casal.

Nando, como tantos outros jovens passou a ir para a cidade e o suposto dono das terras começou a enxergar problemas.

Segundo o conto:

Quando aquele grupo de pretos mais jovens começou a sair da comunidade, Raimundo, assim como seu patrão, achou que os problemas começara.
- Depois que aquele negrinho andou inventando essa moda de participar daquelas reuniões na capital, tá se achando muito sabido e veio com essa história de que esses pretos são donos dessas terras tudinho. (Contista Val Lourenço, p. 288 e 289)

Assim, Nando começou a se interessar pelos assuntos trabalhistas do sindicato, sobre os direitos das comunidades e passou a compartilhar com o quilombo, pois para ele não fazia sentido saber de tais informações sozinho.

Assim, no dia da primeira audiência para a decisão das posses das terras, Nando e outros moradores da comunidade partiram e voltaram para suas casas sem a resposta que esperavam. Contudo, no mesmo momento que Dandara sua filha vinha ao mundo, ele foi surpreendido pelos capangas do fazendeiro, no qual o assassinaram com um tiro na cabeça.

Diante desse relato no conto destacamos o Art. 31, do Estatuto da Igualdade Racial, que trata do direito de acesso às terras que: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. (BRASIL, 2010, p.24 e 25)

Portanto, a autora em sua produção literária ~~vem~~ abordar questões existentes, quando se diz respeito à demarcação de terras quilombolas, onde fazendeiros, em busca de mais poder pela propriedade da terra, tiram a vida de negros que resistem e vão à luta por seus direitos, que, como visto acima, estão assegurados por leis, faltando-lhes a justiça.

Em o conto “Negra Trama”, Zainne Lima aborda a vida de uma senhora negra, de 62 anos, chamada Stela, no qual foi internada em um manicômio por sua patroa, alegando que a mulher seria louca.

4.27 Conto de Zainne Lima

Stela conta a história de Elisângela, também negra, mas que teve seu pai assassinado brutalmente pela polícia, onde os mesmos (a polícia) afirmara que seu pai seria bandido.

De acordo com o conto:

O hospital não quis retirar as quatro balas da testa do pai de Elisângela porque todos, mas todos mesmo: hospital, polícia, até os anônimos que olhavam o homem ensanguentado no asfalto, criam que ele era um marginal, que os tiros eram legítimos. Os pobres só faziam trazer problemas e ninguém aguentava mais aquilo. Deixaram o homem morrer de sepse. Bem na época em que matava tantos para a contribuição do genocídio naquela região. Coisa que Mano Brown e Edi Rock viviam cantando. (Contista Zainne Lima da Silva, p. 296)

Elisângela cresceu com a mágoa da morte do pai, tornou-se militante e participava de movimentos pelo orgulho afro-brasileiro, assim como seu pai. Casou-se com um homem branco na tentativa de, ao menos, ser mãe em paz, sem se preocupar que poderiam matar seu filho também.

Mas os casos de genocídio, contra jovens negros, só aumentavam, Elisângela sofria e perdia o controle. E foi em um desses episódios que ela foi parar no manicômio e permaneceu lá por anos, à base de medicamentos fortes e gritando pelo nome de seu filho, todos os dias, enquanto dormia.

Diante disso, Zainne vem nos chamar atenção, quanto o negro periférico teme as agressões e violências de todas as ordens, por parte do sistema, onde o negro e a negra sempre estiveram encurralados pela mira da arma da polícia.

O conto faz referência à musicalidade do Rap que denuncia, em suas letras essa realidade. Vejamos um trecho da letra cantada por Mano Brown em sua música Negro Drama:

[...] Passageiro do Brasil,
São Paulo,
Agonia que sobrevivem,
Em meia zorra e covardias,
Periferias, vielas, cortiços,

Você deve tá pensando,
O que você tem a ver com isso?
Desde o início,
Por ouro e prata,
Olha quem morre,

Então veja você quem mata,
Recebe o mérito, a farda,
Que pratica o mal,

Me ver pobre preso ou morto,
Já é cultural. (RACIONAIS MC's, Negro Drama)

Assim, a arte do conto encontra-se com a arte da música negra para manifestar situações corriqueiras de violências nas periferias brasileiras, onde o sistema é falho e não atende às necessidades da população negra e pobre. O negro torna-se a maior vítima desse sistema que oprime e negligencia direitos básicos necessários para a sobrevivência dos mesmos.

Essas situações descritas nos CN42 são refletidas e denunciam o estado policial, que sai em defesa da propriedade da minoria branca que acumula riquezas às custas da maioria negra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos, embora fictícios, nos mostram a inspiração na realidade. Pois, apesar dos 134 anos da abolição da escravidão (de 1888 a 2022), ainda nos deparamos com tamanhas violências, nada comparado ao que os nossos antepassados viveram, mas que ainda assim, não deixam de serem violências praticada por meio do racismo estrutural.

Verificamos que o foco desses contos está no manifestar e resistir por meio da literatura afro-brasileira e dos escritos das autoras negras, que afirmam seu lugar de fala e destaque, em meio a tanta discriminação.

O Caderno Negro 42 ficou entre um dos finalistas do Prêmio Jabuti, em 2020. Embora o foco dessa série literária independente, não seja o de colecionar prêmios, e sim, o de executar um ato de resistência social e política, bem como o de inclusão do negro na literatura, a indicação ao prêmio ampliou um pouco a visibilidade dos Cadernos.

Creemos que o grupo Quilombhoje seria de fato merecedor desse prêmio, sendo uma excelente forma de dar visibilidade aos autores e autoras negras, pois os Cadernos Negros contemplam todos os requisitos exigidos pela comissão organizadora do prêmio e o mais importante de tudo é que, a quase cinquenta anos se dedica em dar destaque à cultura afro-brasileira e manifestar situações que ocorrem diariamente nas periferias e quilombos brasileiros.

É válido ressaltar ainda, o quão seria importante introduzir essa obra, Cadernos Negros em metodologias de ensino e pesquisa nos âmbitos escolares e universitários. Pois, por meio de uma leitura necessária e gostosa de se apreciar, a mesma tem o objetivo de denunciar situações em que os negros viveram e vivem em nosso país, desde a época escravocrata oficial (1549 a 1888), passando pela Proclamação da nossa República (1889) até os dias atuais.

A obra trouxe, em seu texto e contexto, questões delicadas, mas que são de extrema importância para o fim do racismo estrutural mantido pela branquitude¹², sendo eles tematizados em violência/racismo policial, racismo institucional,

¹² Termo também utilizado por Djamila Ribeiro em Pequeno Manual Antirracista para conceituar pessoas em posições de privilégio e que acompanham sua cor nestes privilégios. Segundo a autora: o pacto narcísico da branquitude — expressão desenvolvida por Cida Bento em sua tese de doutorado, usada para definir como pessoas brancas anuem entre si para a manutenção de privilégios - colabora com a exclusão de outros grupos nas indicações de trabalho.

preconceito, discriminação, necropolítica, demarcação de terras quilombolas, relações afetivas, entre outros que não se pode deixar de citar descritos em fantásticas histórias tematizadas nas memórias familiares, no dia a dia nos quilombos, nas práticas religiosas, etc. São contribuições que visam as novas gerações.

Assim, as questões antirracistas reveladas por autoras negras e debatidas nessa pesquisa nos encoraja a seguir o exemplo do grupo e lutarmos na causa, sendo ela a de resistir e mostrar à nossa sociedade que vidas negras importam, que os negros merecem suas histórias contadas pelos mesmos, e sobretudo, merecem ser ouvidos.

O antirracismo requer uma atitude concreta diante do ato racista, preconceituoso ou discriminatório. Atitude por exemplo, como a do Quilombhoje, do movimento negro, das mulheres negras e de governos democráticos populares, que ganham força com a implementação das leis étnico-raciais, sobretudo, leis da primeira e segunda década do atual século XXI¹³, conquistadas pelo movimento negro, no que se refere ao direito à educação, cultura, saúde, habitação, território, entre outros. Dentre elas, destacamos a Lei 10.639/03, a Lei 11.645/2008, a Lei 12.288/2010 (Estatuto da Igualdade Racial), e a Lei 12.711/2012 que se encontram em uma perspectiva inclusiva, antirracista e ainda queremos no sentido da transformação da sociedade.

¹³ Ver anexo C – leis étnico-raciais conquistadas pelos movimentos negros, no início do século XXI.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003.

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008.

BRASIL. Lei 12.288, de 20 de julho de 2010. Acesso a Lei 12.288/2010:
<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/496308/000898128.pdf>

CARNEIRO, **Maria Luiza T. O racismo na história do Brasil: mito e realidade**. 2. Ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, v. 13, n. 25, p. 17-31, 17 dez. 2009. Disponível em:
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>. Acesso em: 30 ago. 2020.

MOURA, C. **História do negro brasileiro**. 2 ed. São Paulo: Editora Ética, 1992.

MUNANGA, Kabengele. **Origens Africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações**. São Paulo: Global, 2009.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Esmeralda.; BARBOSA, Márcio. (Org.). **Cadernos Negros: contos afro-brasileiros**. Vol.42. São Paulo, Quilombhoje, 2019.

RIBEIRO, Esmeralda.; BARBOSA, Márcio; FÁTIMA, Sônia. (Org.). **Cadernos Negros: os melhores contos**. São Paulo, Quilombhoje, 1998.

SEIXAS, Fábio. Fotografia de Cuti, Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. Disponível em: <https://www.quilombhoje.com.br/site/quilombhoje/>. Acesso em: 23 de junho de 2022.

SILVA, Joana Maria Ferreira da. Centro de Cultura e Arte Negra – Cecan. São Paulo: Selo Negro, 2012.

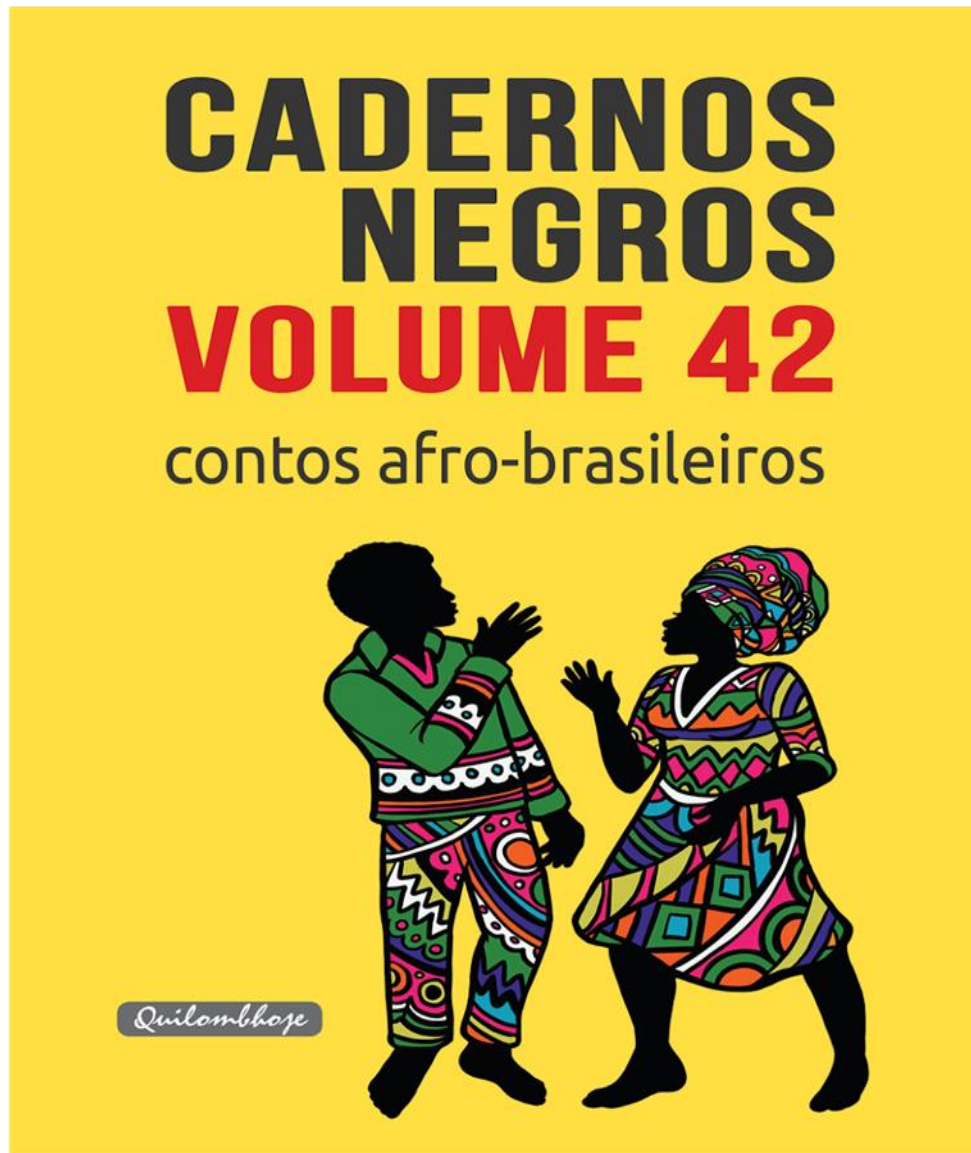
TRINDADE, Luana Ribeiro. **FORTALECENDO OS FIOS: a emergência dos coletivos de estudantes negros e negras em universidades da região sudeste**. Centro de Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Sociologia. Tese de Doutorado Universidade Federal de São Carlos. Orientador: Prof. Dr. Valter Silvério. São Carlos, SP, 2021.

ANEXO A – CAPA DO CADERNOS NEGROS Nº 42

ANEXO B – MÁRCIO, ESMERALDA E CUTI FOTOGRAFADOS EM 2018 POR FÁBIO SEIXAS PARA O SUPLEMENTO PERNAMBUCO.

ANEXO C – LEIS ÉTNICO-RACIAIS CONQUISTADAS PELOS MOVIMENTOS NEGROS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

ANEXO A – CAPA DO CADERNOS NEGROS Nº 42



Fonte: Quilombhoje, CN 42; 2021.

ANEXO B – MÁRCIO, ESMERALDA E CUTI FOTOGRAFADOS EM 2018 POR FÁBIO SEIXAS PARA O SUPLEMENTO PERNAMBUCO.



Fonte: Fábio Seixas.

ANEXO C – LEIS ÉTNICO-RACIAIS CONQUISTADAS PELOS MOVIMENTOS NEGROS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

Lei 10.639/2003

LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, **para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.**

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

- Art. 1º A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:
- "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.
- § 1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.
- § 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.
- § 3o (VETADO)" "Art. 79-A. (VETADO)"
- "Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."
- Art. 2o Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182o da Independência e 115o da República.



Lei 11.645/2008

Lei nº 11.645, de 10 março de 2008.

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

- Art. 1º O art. 26-A da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação: "Art. 26A Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.
 - § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.
 - § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras." (NR)
- Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187o da Independência e 120o da República.

Lei 12.288/2010

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/496308/000898128.pdf>

LEI 12.288/2010 c/ 65 artigos – baixe da internet e leia
Estatuto da Igualdade Racial

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/496308/000898128.pdf>



Lei 12.711/2012

Atualizado com as alterações da Lei 13.409/2016.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 12.711, DE 29 DE AGOSTO DE 2012.

[Mensagem de veto](#)
[Regulamento](#)

Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

Parágrafo único. No preenchimento das vagas de que trata o caput deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservados aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo (um salário-mínimo e meio) per capita.

Art. 2º (VETADO).

Art. 3º ~~Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas, em proporção no mínimo igual à de pretos, pardos e indígenas na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).~~

Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. ([Redação dada pela Lei nº 13.409, de 2016](#))

Parágrafo único. No caso de não preenchimento das vagas segundo os critérios estabelecidos no caput deste artigo, aquelas remanescentes deverão ser completadas por estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

Art. 4º As instituições federais de ensino técnico de nível médio reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso em cada curso, por turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que cursaram integralmente o ensino fundamental em escolas públicas.

Parágrafo único. No preenchimento das vagas de que trata o caput deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservados aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-

www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm

Parágrafo único. No caso de não preenchimento das vagas segundo os critérios estabelecidos no caput deste artigo, aquelas remanescentes deverão ser completadas por estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

Art. 4º As instituições federais de ensino técnico de nível médio reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso em cada curso, por turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que cursaram integralmente o ensino fundamental em escolas públicas.

Parágrafo único. No preenchimento das vagas de que trata o caput deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservados aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo (um salário-mínimo e meio) per capita.

Art. 5º Em cada instituição federal de ensino técnico de nível médio, as vagas de que trata o art. 4º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas, em proporção no mínimo igual à de pretos, pardos e indígenas na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Art. 5º Em cada instituição federal de ensino técnico de nível médio, as vagas de que trata o art. 4º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do IBGE. (Redação dada pela Lei nº 13.409, de 2016)

Parágrafo único. No caso de não preenchimento das vagas segundo os critérios estabelecidos no caput deste artigo, aquelas remanescentes deverão ser preenchidas por estudantes que tenham cursado integralmente o ensino fundamental em escola pública.

Art. 6º O Ministério da Educação e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, da Presidência da República, serão responsáveis pelo acompanhamento e avaliação do programa de que trata esta Lei, ouvida a Fundação Nacional do Índio (Funai).

Art. 7º O Poder Executivo promoverá, no prazo de 10 (dez) anos, a contar da publicação desta Lei, a revisão do programa especial para o acesso de estudantes pretos, pardos e indígenas, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas, às instituições de educação superior.

Art. 7º No prazo de dez anos a contar da data de publicação desta Lei, será promovida a revisão do programa especial para o acesso às instituições de educação superior de estudantes pretos, pardos e indígenas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas. (Redação dada pela Lei nº 13.409, de 2016)

Art. 8º As instituições de que trata o art. 1º desta Lei deverão implementar, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) da reserva de vagas prevista nesta Lei, a cada ano, e terão o prazo máximo de 4 (quatro) anos, a partir da data de sua publicação, para o cumprimento integral do disposto nesta Lei.

Art. 9º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 29 de agosto de 2012, 191ª da Independência e 124ª da República.